

CARLOS ALFREDO PETTENGILL

O DISCURSO DA EMPREGABILIDADE E SEUS EFEITOS
SOBRE A IDENTIDADE DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO
DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAMPO GRANDE - MS



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE - MS
2013

CARLOS ALFREDO PETTENGILL

O DISCURSO DA EMPREGABILIDADE E SEUS EFEITOS
SOBRE A IDENTIDADE DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO
DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAMPO GRANDE - MS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientador: Dr. Neimar Machado de Sousa



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE - MS
2013

O DISCURSO DA EMPREGABILIDADE E SEUS EFEITOS
SOBRE A IDENTIDADE DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO
DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAMPO GRANDE - MS

CARLOS ALFREDO PETTENGILL

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Banca Examinadora: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes

Banca Examinadora: Prof. Dr. José Licínio Backes

Prof. Dr. Neimar Machado de Sousa
(Orientador)

Campo Grande – MS, 26 de setembro de 2013.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
UCDB

“Trabalho sempre há, a quem sabe trabalhar” (João Cabral de Melo Neto).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos jovens que foram co-autores na realização dessa pesquisa, e a todos os jovens que buscam construir/desconstruir suas identidades.

AGRADECIMENTOS

Começar os agradecimentos numa dissertação de uma Universidade Católica pressupõe agradecer em primeiro lugar a Deus, fonte infinita de todo bem.

Continuando na perspectiva cristã, agradeço aos meus avós paternos e maternos, aos meus, pais, em especial minha mãe que foi quem primeiro me ensinou a ler e a equilibrar nas mãos o lápis para escrever, possibilitando formar minha identidade de escritor.

Ao meu amigo e orientador professor Doutor Neimar Machado de Sousa, que juntamente com o estimado professor Antônio Jacó Brand (*in memoriam*), fizeram-me o convite para conhecer a linha 3 do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UCDB, para refletir na minha identidade como pesquisador.

Agradeço aos meus professores do Mestrado:

- prof. Dr. José Licínio Backes pelas colaborações nas reflexões que me levaram a problematizar este objeto de pesquisa, juntamente com Zigmunt Bauman e Stuart Hall;

- à professora Dra. Adir Casaro Nascimento pelas contribuições na aplicação de novas formas de se fazer pesquisa no campo da interculturalidade;

- à professora Dra. Mariluce Bittar, pelos conhecimentos ministrados sobre os caminhos da pesquisa em Educação;

- à Professora Dra. Regina Teresa Cestari de Oliveira, pela inestimável colaboração em indicar-me novas possibilidades de pesquisa em Educação pensando a partir das políticas públicas;

- à professora Ruth Pavan, que em suas aulas apontou-me a preocupação com o currículo na abordagem da pesquisa em Educação.

Às secretárias Sônia e Juliana que tanto se dispuseram em cooperar para o bom andamento do Programa e do meu percurso como aluno do Mestrado.

Agradeço às diretoras Regina Aparecida Abdala Benfatti (*in memoriam*), Hildete da Silva Pereira, Ana Lúcia Reidlinger dos Santos Ferreira, e ao diretor Lucílio Souza Nobre que me incentivaram na realização do mestrado encorajando-me a não desistir, e dando oportunidade para produzi-lo.

À coordenadora Rita de Cássia que tanto me apoiou na realização da minha dissertação.

Aos alunos da Linha 3 Educação Indígena e Diversidade Escolar do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UCDB, João, Moema, Carlos, Aquilino, Andrea Natália, Valéria, José Bonifácio, Dalila, José Sarmiento, Sônia, Teodora, Elisa, Teodora, e também a todos/todas alunos/alunas das aulas de Pesquisa em Educação e Políticas, Gestão e Financiamento da Educação, muito obrigado pelos diálogos que tanto favoreceram meu crescimento intelectual e minha compreensão do que li e estudei durante as aulas.

À minha companheira e amada esposa Elaine Cristina, pelo encorajamento, apoio, incentivo e dedicação que me ajudaram muito a chegar até aqui.

A todos os estudantes, minha eterna gratidão, principalmente para aqueles que colaboraram na pesquisa.

Aos meus colegas professores, que merecem tanto serem valorizados pelo trabalho que realizam.

PETTENGILL, Carlos Alfredo. O DISCURSO DA EMPREGABILIDADE E SEUS EFEITOS SOBRE A IDENTIDADE DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CAMPO GRANDE – MS. Campo Grande, 2013, p.56. Dissertação (Mestrado e Doutorado) Educação Universidade Dom Bosco.

Esta pesquisa vincula-se à linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena, mais diretamente ao Grupo de Pesquisa sobre Educação e Interculturalidade; tendo como objetivo compreender os efeitos do discurso da empregabilidade sobre a identidade de jovens no ensino médio. Como procedimento técnico-metodológico utilizou-se a técnica da entrevista semi-estruturada com sete jovens do terceiro ano do Ensino Médio, cotejando com observações em sala de aula e no pátio da escola, na sua relação com a cultura imposta no ambiente escolar pelo discurso da empregabilidade. Como resultados obtidos observou-se a ambivalência das situações: a competição e o individualismo entre alguns alunos, cuja preocupação com a nota acontece em virtude de obter recompensas futuras. Esta ação da prática pedagógica de estimular a meritocracia provoca o isolamento e as disputas entre os jovens, pretendendo desmobilizá-los para atitudes cooperativas. A manifestação por parte dos alunos de uma busca pela convivência em grupo, associando-se em vários projetos em equipe na sala de aula, estabelecendo diálogo grupal durante os intervalos; portanto, hibridizando sua identidade entre aquilo que o discurso colonizador provoca à sua subjetividade. Estudos voltados à discussão de questões como as que foram abordadas nessa pesquisa podem contribuir para a construção de uma escola que valoriza a produção cultural local, uma vez que o currículo utilizado, até o momento, vem de uma cultura para o sucesso, como para a valorização da subjetividade na construção da auto-identidade dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Empregabilidade. Identidade. Jovens do Ensino Médio.

PETTENGILL, Carlos Alfredo. SPEECH OF EMPLOYABILITY AND ITS EFFECTS ON THE IDENTITY OF SCHOOL YOUTH OF A PUBLIC SCHOOL OF CAMPO GRANDE – MS. Campo Grande, 2013, p.56. Paper (Master's, Doctorate) Dom Bosco Catholic University - UCDB.

This research is linked to the online research Cultural Diversity and Indigenous Education, more directly to the Research Group on Education and Interculturality, aiming to understand the effects of the discourse of employability on the identity of young people in high school. As technical and methodological procedure used the technique of semi-structured interviews with seven young people of the third year of high school, comparing with observations in the classroom and in the schoolyard, in relation to the culture in the school environment imposed by the speech employability. As results indicated the ambivalence of situations: competition and individualism among some students, whose concern with the note happens due to get future rewards. This action of the pedagogical practice of encouraging meritocracy causes isolation and disputes among youth, intending to demobilize them to cooperative attitudes. The demonstration by students in a quest for coexistence group, associating in several team projects in the classroom, establishing a dialogue group during breaks, so hybridised identity between what the discourse colonizer causes of its subjectivity. Studies aimed at discussing issues as those raised in this research may contribute to the building of a school that values local cultural production, since the curriculum used so far comes from a culture for success, and for the exploitation of subjectivity in the construction of the self-identity of the students.

KEYWORDS: Employability. Identity Young. High school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – O PERCURSO TEÓRICO–METODOLÓGICO	16
2.1 - DESEJANDO/BUSCANDO PONTOS DE APOIO.....	18
2.2 – IDENTIDADE (S).....	21
2.3 - A CULTURA E O MUNDO DO TRABALHO.....	25
CAPÍTULO II – EFEITOS SOBRE A(S) IDENTIDADE(S).....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICES.....	45
APÊNDICE A.....	45
APÊNDICE B.....	46
APÊNDICE C.....	47
APÊNDICE D.....	48
APÊNDICE E.....	49
APÊNDICE F.....	50
APÊNDICE G.....	51

INTRODUÇÃO

Diante da pergunta: “foram vocês que escolheram o objeto de estudo ou foi o objeto de estudo que os escolheu?”, feita pela professora Dra. Mariluce Bittar, nas aulas de pesquisa em Educação, não soube de imediato responder nem para mim mesmo, incipiente que ainda me encontrava na construção do meu objeto de estudo no primeiro ano como aluno regular do Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação da UCDB, na turma de 2011. Fui então à busca de tal resposta, deparando-me com o fato de que fui capturado por este tema, pelas circunstâncias de minha existência.

As primeiras aproximações com o objeto de pesquisa fiz, como aluno especial, em 2010, observando meu próprio ambiente de trabalho, o “chão da escola”, como professor numa Unidade Escolar da Educação Básica, na Rede Estadual de Ensino em Campo Grande – MS.

Escutando os estudantes do Ensino Médio sobre suas expectativas em relação ao primeiro emprego, somado às leituras feitas nas aulas de Interculturalidade e Educação Escolar com os professores da Linha 3 – Diversidade Cultural e Educação Indígena, coloquei-me a questionar sobre os efeitos do discurso da empregabilidade sobre a(s) identidade(s) dos jovens no Ensino Médio.

As leituras de Stuart Hall (2009), Homi K. Bhabha (1998), Zygmunt Bauman (1998, 2001, 2003, 2005, 2010), Néstor Garcia Canclini (2008), Katherine Woodward (2000), Paul Willis (1991), Tomas Tadeu da Silva (2000), Carlos Bernardo Skliar (2001), possibilitaram a construção de um ponto de apoio, um campo teórico, para poder fazer essa pesquisa, escutar e dar voz aos estudantes, chamados de jovens, sobre os efeitos do discurso da empregabilidade na(s) sua(s) identidade(s).

Para Silva (2009) “questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam” (p.83). Inserir esse questionamento na Educação proporciona a realização de pesquisa que trate dos modos como as relações de poder vão sendo exercidas no ambiente escolar, e também fora dele, pois a educação não se restringe somente aos muros da escola, ela também atravessa os vários ambientes e relações entre os sujeitos.

Nesse sentido, meu interesse em pesquisar os efeitos do discurso da empregabilidade sobre a identidade dos jovens aparece no ambiente escolar onde estou inserido pelo trabalho como professor. Por meio da minha experiência em sala de aula, procurei perceber quais as ambivalências do discurso dos jovens sobre suas expectativas para o emprego, quais os significados por eles assumidos em relação ao seu futuro profissional.

Diante da(s) identidade(s) como objeto de pesquisa, faz-se indispensável apresentar a(s) minha(s) identidade(s) que me constituem como aprendiz-pesquisador, não como uma demonstração de minha “pureza” para falar dos efeitos do discurso da empregabilidade sobre os jovens no Ensino Médio, mas para inserir o leitor nos caminhos que eu percorri para aqui estar.

A narrativa de minha origem familiar não quer só identificar-me como num processo de linearidade genealógica, mas na perspectiva de que as minhas percepções também estão atravessadas por outras identidades.

No interior de Minas Gerais, um jovem casal (Vicente e Maria de Lourdes) foi expulso de suas terras em Santos Dumont-MG por grileiros, e migrou para os cafezais do oeste paulista nos anos de 1950, período reconhecido como “anos dourados”, mas que para eles foram de extrema pobreza. Ali tiveram quatro de seus oito filhos, sendo o segundo, uma menina chamada Mercedes, minha mãe, logo aos cinco anos já ia para os cafezais colher o grão e ajudar no sustento de casa. Migraram, dessa vez para o oeste paranaense, na região de Umuarama - PR, onde tiveram mais três filhos. Mercedes, já adolescente, foi trabalhar como doméstica numa casa de família. Ao cuidar dos afazeres da casa viu como as filhas da patroa podiam estudar. Inspirada

por esse exemplo buscou ingressar numa escola pública de Umuarama. Maria de Lourdes, sua mãe, ao saber disso logo a tirou da escola, dizendo a Mercedes que estudar era coisa de “vagabundo”, de “gente à toa”, e que o mais importante era trabalhar. Minha família materna, ao migrar para Campo Grande, no então estado de Mato Grosso, a fim de conquistar melhor remuneração e oportunidade, possibilitou a Mercedes conhecer Alfredo, meu pai, filho temporão de meu avô Luís, paraguaio, e de minha avó Ernestina, carioca. Luís havia migrado do Paraguai para Campo Grande a fim de explorar a extração de madeira na região.

Desse jovem casal (Alfredo e Mercedes), filhos de migrantes e que diasporicamente mudaram-se para o oeste paranaense, nasci em Umuarama-PR. Meu ingresso na vida escolar deu-se em outra cidade do norte paranaense, Londrina, no Instituto Santa Maria, com seis anos de idade no primeiro ano do Ensino Primário. Nota-se aqui novamente o movimento migratório de minha família. Migramos para Campo Grande - MS, onde estudei do segundo ano primário ao quinto ano ginásial em três escolas diferentes por causa das constantes mudanças de endereço residencial.

Mudamos de Campo Grande para Cuiabá onde estudei o sexto e o sétimo ano ginásial e mais uma vez retornamos para Campo Grande, onde concluí o Ensino Ginásial e cursei o Ensino Médio em técnico em Contabilidade. Nesse período ingressei no emprego formal como jovem do Instituto Mirim da Prefeitura Municipal de Campo Grande – MS.

Dessa forma, minha formação básica foi construindo a minha identidade de migrante, aquele que se desloca geográfica e culturalmente, híbrido, trabalhador-estudante, influenciando inclusive a minha opção pelo Ensino Médio profissionalizante que visava à inserção no mercado de trabalho.

Na construção de minha identidade acadêmica que foi fortemente marcada pelo modelo Romano de formação, cursei Filosofia na UCDB e Teologia no Instituto de Teologia do Oeste. Após essa formação fui ordenado presbítero da Igreja Católica Apostólica Romana em 1999 na Catedral de Santo Antônio de Campo Grande – MS.

Já como responsável por uma paróquia continuei meus estudos junto às irmãs Paulinas em São Paulo no SEPAC (Serviço de Pastoral à Comunicação) numa especialização em Comunicação e Cultura, concluída em 2004.

Essa identidade (presbítero) ao mesmo tempo em que foi difícil produzi-la, mais difícil ainda foi desconstruí-la ao migrar para a identidade de casado. Esse período de desconstrução impactou-me de tal maneira que a construção de uma nova identidade, a de professor da rede pública, foi dolorosa e ao mesmo tempo recompensante.

Em 2010 aproximei-me do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação a convite do recém Dr. Neimar Machado de Sousa, companheiro e amigo de longa formação no Seminário.

Nesse ano, tive contato com leituras que desconstruíram minha compreensão do marxismo e do positivismo. Compreender a centralidade da cultura como uma nova epistemologia a partir das leituras de Stuart Hall, Homi K. Bhabha e Zygmunt Bauman fomentaram o desejo de pesquisar sobre a identidade considerando minha trajetória como diaspórico, como um ser que foi hibridizando várias identidades.

Inicialmente optei por uma Unidade Escolar de um bairro da cidade de Campo Grande - MS, porém, fui transferido dessa Unidade Escolar para outra mais no centro da cidade por conta do fechamento de salas de aula devido ao baixo número de alunos frequentes e matriculados, decisão tomada pela gestão da Secretaria de Educação.

Ao chegar à outra unidade escolar passei a dialogar com o diretor sobre a possibilidade de se fazer a pesquisa nesta Unidade Escolar. Ao receber o consentimento do diretor entrei com o pedido no comitê de ética da UCDB, obtendo parecer favorável para dar início a pesquisa de campo. Essa opção pelo local onde estou lotado como professor do Ensino Médio se deu pela acessibilidade ao objeto de pesquisa.

Na construção da metodologia a ser utilizada e de quais técnicas colaborariam para dar voz aos jovens sobre os efeitos do discurso da empregabilidade

sobre suas identidades precisei apropriar-me do campo teórico que faria o papel de lugar de escuta dos jovens do Ensino Médio.

No primeiro Capítulo fiz uma breve exposição do percurso metodológico utilizado para a realização da pesquisa, apresentando os objetivos da pesquisa, os instrumentos a serem utilizados na busca por apresentar os resultados de uma maneira que atenda aos objetivos propostos. Narrei como foi a construção do campo teórico no qual busco apoiar-me para compreender os efeitos do discurso da empregabilidade sobre a identidade(s) dos jovens do Ensino Médio. A questão da centralidade da cultura como lugar epistemológico para apreciar a(s) identidade(s)/diferença(s) levando a um empoderamento que causa certa agonia, pois a responsabilidade em se fazer interlocutor e narrador da participação dos jovens na produção dessa pesquisa. Lidar com a(s) identidade(s) que acabam por sofrer os efeitos do discurso da empregabilidade no contexto atual pesa sobre o pesquisador pois não falo só de fora, como um observador, mas como quem também está todos os dias com os jovens ouvindo suas angústias e apreensões perante a crise econômica que hoje está assolando muitos jovens de várias nacionalidades.

No segundo Capítulo dialoguei com os autores do referencial teórico e com meus co-autores sobre os efeitos que o discurso da empregabilidade exerce sobre a(s) identidade(s) dos jovens. As técnicas de observação de campo e entrevista semi-estruturada associaram-se ao desejo de possibilitar aos jovens do ensino médio que apresentem suas percepções e reflexões sobre as práticas educativas que vem ao seu encontro muitas vezes querendo silenciá-los, discipliná-los na suas múltiplas identidades.

CAPÍTULO I – O PERCURSO TEÓRICO -METODOLÓGICO

No presente capítulo indico os caminhos metodológicos que segui para desenvolver a pesquisa e o apoio teórico que utilizei para fundamentá-la. Percorrendo vários caminhos e passando por descaminhos metodológicos cheguei até este momento da pesquisa, o de explicitar quais os jeitos de escutar os jovens do ensino médio.

O trabalho tem como objetivo geral compreender os efeitos do Discurso da Empregabilidade sobre a identidade dos jovens do Ensino Médio de uma Escola Pública de Campo Grande - MS. Perseguindo esse objetivo geral estão os objetivos específicos:

- Identificar a percepção dos estudantes do ensino médio a respeito de como a escola os prepara para o mundo do trabalho;
- Conhecer as expectativas dos estudantes em relação à escola;
- Definir o conceito de trabalhador para os estudantes;
- Compreender como a família dos jovens interfere na sua identidade de trabalhador;
- Conhecer o projeto que os jovens têm acerca de seu futuro profissional.

A escolha da metodologia a ser utilizada deve estar em consonância com a pergunta que se pretende responder, com os objetivos os quais se busca alcançar, com o campo teórico referencial e principalmente com os caminhos percorridos durante a elaboração do problema, sendo assim uma consequência destes passos e não um ponto de partida.

O método que melhor vem ao encontro às necessidades do presente estudo e que, portanto será utilizado pelo pesquisador, é o qualitativo, pois pretende-se compreender os efeitos sobre a Identidade dos Jovens do Ensino Médio de uma Escola Pública de Campo Grande – MS do Discurso da Empregabilidade.

As questões de pesquisa no método qualitativo podem mudar e ser refinadas à medida que o pesquisador vai descobrindo o que perguntar e para quem realmente fazer as perguntas. O pesquisador qualitativo, segundo Creswell (2007), usa um raciocínio complexo, multifacetado, interativo e simultâneo, percorrendo um caminho que vai da coleta e análise de dados até a reformulação do problema e voltando. Essa

característica da pesquisa qualitativa é condizente com a natureza do objeto das ciências humanas, e com a pesquisa realizada.

Para acessar meu objeto de estudo, utilizei duas técnicas: entrevista semi-estruturada e observação de campo. A entrevista semi-estruturada foi por mim elaborada a partir dos estudos de Willis (1991), Bauman (2001, 2005, 2008, 2010) e Silveira (2002/2007) e das observações que registrei no caderno de campo, referentes aos alunos em sala de aula, no pátio da escola, na entrada da escola e nos corredores. A observação de campo amparou-se nos estudos de Laplantine (2007), e foi realizada no período de outubro a dezembro de 2011. Tanto no período matutino como no noturno, a observação que fiz foi como pesquisador, e não como professor.

Antes de fazer as entrevistas apliquei um questionário informativo com 180 estudantes do terceiro ano para conhecer melhor os participantes da observação de campo e poder convidar os que fariam a entrevista. Utilizei como critério para participar da entrevista aqueles estudantes que já estavam trabalhando, pois, segundo o questionário informativo que apliquei: 80% dos estudantes do período noturno trabalhavam e 60% dos estudantes do matutino também trabalhavam. Realizei duas entrevistas, sendo uma no período noturno com três estudantes e outra pela manhã com quatro estudantes. Convidei para cada uma das entrevistas doze estudantes, porém, compareceram, ao todo, sete estudantes. Pareceu-me que um dos motivos para o não comparecimento foi que o terceiro ano já havia realizado o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e já tinham recebido as notas finais. Também ocorreu alteração no calendário escolar a pedido da Secretaria de Educação, conforme informou-me o diretor da Unidade Escolar.

Esta unidade escolar possui 3.000 alunos matriculados no Ensino Médio em funcionamento nos três turnos sendo o primeiro das 7h às 11h25min, o segundo das 13h às 17h20min e o terceiro das 18h30min às 22h30 min. Conta com 38 salas de aula, uma quadra poliesportiva coberta em forma de ginásio, com arquibancadas e, mais duas quadras descobertas. Oferece aos alunos uma biblioteca, um laboratório para as disciplinas de química, biologia e física; uma sala multi-meios, três salas de informática, dispostos em três andares. Também possui uma cantina e quatro banheiros destinados aos meninos e quatro banheiros às meninas.

A primeira fase das entrevistas realizei no dia 08 de dezembro de 2011 no período noturno, com três alunos pertencentes a salas diferentes, sendo um jovem do sexo masculino e duas jovens do sexo feminino. A entrevista foi feita no primeiro andar numa sala de aula localizada na parte esquerda do corredor. A sala de aula estava com o mobiliário ordenado em filas, a lousa estava limpa e a iluminação acesa, tendo ao fundo o ruído do pátio, pois muitos alunos estavam indo à escola apenas para saberem o resultado, se estavam aprovados ou estavam de exame final. A partir do convite feito anteriormente para a entrevista, esperava que estivessem presentes por volta de doze estudantes, mas compareceram apenas três. Pareceu-me que a notícia sobre o resultado de aprovação e o reencontro com os colegas chamaram mais a atenção dos jovens do que participar de uma entrevista. A entrevista teve a duração de 53 minutos.

A segunda fase das entrevistas realizei no dia 14 de dezembro de 2011 no período matutino, com quatro alunos pertencentes a salas diferentes, sendo dois jovens do sexo masculino e duas jovens do sexo feminino. A entrevista foi feita no segundo andar numa sala de aula localizada na parte direita do corredor, ao lado do bebedouro. A sala de aula estava com o mobiliário ordenado em filas, a lousa estava limpa e a iluminação era natural. O convite foi feito para aproximadamente 15 jovens, mas compareceram apenas quatro. Tanto na primeira entrevista como na segunda os estudantes não eram meus alunos em sala de aula naquele ano. Os do período matutino foram meus alunos no ano anterior, em 2010, e os do noturno nunca haviam sido meus alunos.

Quanto ao caminho discursivo pelo qual transitei para construir minhas lentes que utilizei em minha pesquisa para enxergar o meu objeto de estudo, compreendo essa prática discursiva a partir de Santos que afirma: “é a história que estou contando, daquilo que eu, com meus olhos de aprendiz-pesquisador, passei a olhar como importante e que constitui como relevante para o trabalho. Apesar de habitado por eles/elas, minha voz é unívoca, só posso falar por mim.” (SANTOS, 1997, p.83). Essa representação levou-me a desejar/buscar pontos de apoio para caminhar nessa pesquisa.

2.1 DESEJANDO/BUSCANDO PONTOS DE APOIO

Ao perceber que o caminho da investigação é um caminho deslizando, não fixado, que se contrapõe à investigação apoiada no referencial positivista, e reconhecendo que essa perda de lugar para olhar, também se localiza nos tipos de relação em que o pesquisador firma com sua produção de sentidos com sua experiência como pesquisador, com sua origem, com sua formação, e com sua autoconstituição, apresenta-se a ambivalência do aprendiz-pesquisador.

A ambivalência de reconhecer que se está num entre-lugar também como pesquisador, além do próprio objeto de pesquisa, causa uma irritação metodológica (BACKES, 2010) pois ao tentar escrever sobre o que vi já estou capturado por um discurso que está sob rasura, que uso por não ter outro à disposição, desse modo, chamando à questão da legitimidade do pesquisador: quem sou eu para poder falar de, e em nome dos jovens do Ensino Médio? Dos participantes da pesquisa? Dos meus co-autores? Não estaria eu descrevendo os jovens como outros, como alienígenas com meus discursos totalizantes, essencialistas? A partir desses questionamentos Santos contribui:

(...) ao dizer, isto, não estou tentando relativizar minha leitura, precisamente para marcar que o que estou falando aqui é resultado de um movimento pendular de buscar os ditos (os enunciados) no *Diário de Campo*, resultado da experiência de lá ter estado, e de escrevê-los aqui, lendo-os e apresentando-os, agora como texto. Um texto sobre o qual foi possível fazer outras leituras, compor outras escritas e outros textos. (SANTOS, 1997, p. 84)

Esta reflexão se faz necessária para marcar os pontos em que desejo/busco me apoiar para fazer o olhar, a leitura do que aqui procuro representar, como num processo de auto constituição como pesquisador, processo esse contínuo, irritantemente redimensionado, redefinido, reconstruído.

O que estou tentando pronunciar, desde este começo vacilante, instável, inseguro, é que não há chão firme sobre o qual pisei, não há lentes suficientes para apresentar o objeto de pesquisa; não há estabilidade na crítica que se formula, exatamente porque a crítica é formulada por meio de palavras, de discursos que representam práticas culturais. Segundo Foucault:

(...) a maior das verdades já não estava naquilo que o discurso *era* ou naquilo que *fazia*, mas sim naquilo que o discurso *dizia*; chegou porém o dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado de

enunciação, eficaz e justo, para o próprio enunciado; para o seu sentido, a sua forma, o seu objeto, a sua relação à referência. (FOUCAULT, 1998, p. 04).

Desse modo os discursos trazem marcas culturais, geográficas, de classe, gênero, etnia, que “contaminam” a pretensa pureza objetiva da tradição positivista da pesquisa, assim, não há assepsia entre o aprendiz-pesquisador e seu objeto de estudo.

Diante da necessidade acadêmica de configurar-se um local teórico a partir do qual o pesquisador pode realizar sua leitura do objeto de pesquisa emergem os autores pós-críticos como uma possibilidade de estabelecer a crítica ao processo de tentativa de homogeneização da cultura como efeito da compressão monocultural do espaço-tempo pretendendo tornar o mundo um local único (HALL, 1997; CANCLINI 2008).

Três nomes podem ser destacados neste referencial teórico, como Hall, Bhabha e Bauman. Sendo os dois primeiros articulados com as disputas culturais e Bauman com a questão social (BACKES, 2005). Os estudos de "análise cultural" na América Latina foram capitalizados e renomeados pelos autores Canclíni, Barbero e Sarlo (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003).

Os Estudos pós-críticos têm como escopo teórico a questão da centralidade da cultura como constitutiva da vida social, posicionando-a como atravessamentos (BHABHA, 2004). Por atravessamentos entende-se a formação de pontes que vão sendo construídas nos entre-lugares na busca de diálogo e poder entre as culturas, sendo as identidades/diferenças os elementos mobilizadores para a construção e desconstrução destas pontes.

A cultura é uma arena, um campo de luta em que o significado é fixado e negociado, e as escolas, neste contexto, se manifestam com sua maquinaria, seus currículos e práticas (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003). Enquanto prática de significação torna-se o meio de atribuição de sentidos ao mundo, às identidades, às diferenças, para homens e mulheres, nas mais diferentes circunstâncias e realidades.

Estudos sobre educação nessa perspectiva teórica teve sua origem nos estudos de Raymond Williams, cujo trabalho educacional relacionava-se a um projeto de instrução universitária para adultos. Williams operou as suas reflexões tomando como referência a classe trabalhadora concreta, cooptada pelo consumo fácil de mercadorias para as "massas", tentando entender o capitalismo em movimento e traçar uma reflexão pautada em um marxismo também em movimento. Ou seja, ele tenta refazer o caminho da teoria marxista, mas colocando em evidência uma crítica da cultura (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003).

A prática social dentro de uma tradição monocultural voltada à educação, se configura no sentido de contenção e assimilação das diferenças culturais, em vez de tratar os estudantes como portadores de memórias sociais diversificadas, com o direito de falar e de representar a si próprios na busca de aprendizagem e de autodeterminação (GIROUX, 1995). Essa perspectiva amplia a possibilidade de renegociar, rediscutir o papel da escola enquanto tentativa de ser reprodutora de uma tradição monocultural que demonstra a prática social.

Igualmente importante, para Giroux (1995), é a questão de como democratizar as escolas de forma a capacitar aqueles grupos mal representados no currículo ou simplesmente não representados a produzir suas próprias auto-imagens, contar suas próprias histórias e se envolver num diálogo respeitoso com outros grupos, oportunizando espaço para que estes atores sociais tenham voz a respeito de práticas educativas adequadas às suas identidades/diferenças e múltiplas realidades.

2.2 IDENTIDADE (S)

No meu percurso como aprendiz/pesquisador urgia uma conceituação adequada, verdadeira, “pura” para identidade, pois esse conceito atravessaria todo o relatório da pesquisa. Busquei pensar a Identidade como uma identificação que é produzida a partir do reconhecimento de uma origem comum, localizada geograficamente, ou de características que são partilhadas num grupo ou por pessoas, ou ainda a partir de sujeitos que compartilhem um mesmo ideal. Contudo, Hall refere-

se a identificação como um processo sobre rasura, o que vem a indicar “que eles não servem mais, não são mais “bons para pensar” – em sua forma original, não reconstruída.” (HALL 2009, p. 104) Isto não significa que temos que descartá-la, que não podemos mais utilizá-la, sabendo agora que ela representa um “pensar no limite”, para Hall:

(...) a identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre ‘demasiado’ ou ‘muito pouco’ – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao ‘jogo’ da *différance*. ...ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo ela requer aquilo que é deixado de forma – o exterior que a constitui. (HALL, 2009, p. 106)

Quando se mapeia(m) a(s) identidade(s) na perspectiva multicultural, ela(s) se dá(ão) na reciprocidade social e em interesses comuns que, por sua vez, se podem basear em um sentido de tradição, etnicidade ou modo de vida e ser estimulados por sistemas de crenças, cerimônias e símbolos (GILBERT, 1995). Desta forma os indivíduos são considerados em sua subjetividade e em suas memórias sociais diversificadas, portadores da capacidade de apontar suas necessidades e formas de atender as mesmas.

Ao construir uma identidade cidadã recorda-se que cidadania vem de um conceito de Estado-Nação que é construído por uma narrativa de nação fundamentada, nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade; na invenção de tradições; na criação de mitos fundacionais; na ideia de um povo original, puro, na construção de significados culturais (HALL, 2004). Esse modelo processual de codificação/decodificação vai sendo mais bem desenvolvido na construção de significados sugerindo que sempre existirá ideologia (HALL, 2003).

Diante desse discurso, inspirado em Bhabha (2007) e Hall (2004), o colonizador considera o jovem, seja ele, afrodescendente, indígena, ou de outra origem étnica, um sujeito submisso desta narrativa. Quando apoiado em Bauman (2008) sugiro que para a modernidade líquida o jovem tem que ser um cidadão, alguém que consome, parece-me que se produz a transformação do estudante em mercadoria.

Ao mesmo tempo em que a narrativa é uma compreensão, a atuação dos atores costumam significados e interpelam essas construções e, desconstruções de significados, pois nem sempre para eles representam a mesma ideia fixa, sólida que é para as instituições, para o discurso monocultural. A prática pedagógica demonstra que o jovem também constrói seus significados, saindo da postura de ator histriônico - farsista, para ser também autor, pensando o seu próprio cenário, o seu texto e o seu papel, distinto do apresentado pela instituição escolar, monocultural.

No ambiente escolar observa-se um controle por meio de folhas de frequências, câmeras (panópticas) nos corredores escolares, recenseamentos, avaliações, que tem o objetivo de garantir o sucesso desse estudante, reconhecendo como sucesso ter uma carreira, conseguir um emprego rentável. Apoiando na análise de Rose (1998) que refere que

As tecnologias da subjetividade existem, pois, numa espécie de relação simbiótica com aquilo que poderíamos chamar de “técnicas do eu”: as formas pelas quais nós somos capacitados, através das linguagens, dos critérios e técnicas que nos são oferecidos, para agir sobre nossos corpos, almas, pensamentos e conduta a fim de obter felicidade, sabedoria, riqueza e realização (p.43).

Parece-me que a educação para o sucesso possui um discurso de motivação a fim de o estudante prosseguir no ambiente escolar, mas essa proposta não ocorre de maneira simples e vertical, mesmo sendo assimétrica, ela esbarra na negociação, assimilação e negação dos jovens por essa tentativa, atravessados que são também pelas suas(s) identidade(s).

A partir desta perspectiva, se entende que diante do discurso preferencial existem posições negociadas e de oposição que podem ser compreendidas como construção das identidades/diferenças dos jovens no processo educativo (HALL, 2003).

No âmbito da educação também se explicitam cada vez com maior força e desafiam visões e práticas profundamente arraigadas no cotidiano escolar. A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um “problema” a resolver (CANDAUI, 2011, P. 332).

Bhabha (2007) ao interrogar sobre a identidade refere-se que o encontro com a identidade:

(...) ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e - o que é mais importante - deixa um rastro resistente, uma mancha no sujeito, um signo de resistência. Já não estamos diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda pela identificação, torna-se, primariamente uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política (BHABHA, 2007 p. 83-84).

Bhabha (2007) destaca três pontos relevantes para a construção da identidade em contextos culturais. O primeiro refere-se que é necessário existir para, ir em direção a ter uma relação de desejo com uma alteridade, um outro externo, sua evocação existencialista do "Eu" restaura a presença do marginalizado. O segundo ponto é o processo de *empowerment*, empoderamento. O terceiro aspecto diz respeito ao processo de identificação, fazendo surgir uma imagem de identidade. Assim será imputado a vestir uma máscara, que deixa uma lacuna (entre-lugar) entre imagem e a pele, não permitindo uma imagem autêntica, mas como reflexa em espelhos, borrada.

Da mesma forma, Bhabha (2007) ao apropriar-se da linguagem procura enfatizar a construção do significado pela interpretação (ou ressignificação, consequente da subjetividade atribuída à existência de entre-lugares), negando a pretensa ideia de transparência, homogeneidade e considerando a necessidade de historicizar e contextualizar o momento da enunciação.

Hall (1999) considera que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, nesta abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como estando sempre "em processo", nunca completada, a qual pode ser ganha ou perdida.

[...] A fusão total entre o "mesmo" e o outro" que ela (identificação) sugere é, na verdade uma fantasia de incorporação... A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subjunção. Há sempre "demasiado" ou "muito pouco" - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de

significação, ela está sujeita ao "jogo" da *différance*" (Hall, 1999, p. 106).

Hall (1997) ao tratar da centralidade da cultura descreve o jogo de poder que regula a cultura. Por isso observa, se a cultura regula nossas práticas sociais, então aqueles que controlam a cultura podem moldá-la, regulá-la de algum modo ou em certo grau.

Para Bauman (2001) o conceito de identidade deve estar conectado à ideia de sujeitos enquanto atores individualizados reacomodados em "comunidades cabides", transitórias, líquidas, comunidades carnavalescas, que se encontram em determinado tempo e espaço onde se interligam, codificam e decodificam, produzem significados, e logo após se desfazem, buscando novas comunidades. Isto se evidencia na atitude dos jovens e sua interação com outros jovens por meio das redes sociais.

(...) vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, "nem-um-nem-outro", torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa, dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, "estar fixo" - ser "identificado" de modo inflexível e sem alternativa - é algo cada vez mais malvisto (BAUMAN, 2005, p. 35).

Aqui, cabe ressaltar que ainda o atravessamento econômico, político e ideológico perpassa pela compreensão desses discursos dos atores envolvidos, não como determinantes, mas como articulados (HALL, 2003).

2.3 A CULTURA E O MUNDO DO TRABALHO

Outro aspecto importante na construção da identidade do jovem estudante é a sua vida para o trabalho. Bauman (2008 p. 17-18) descreve o discurso da empregabilidade atual,

[...] Os empregadores desejam que seus futuros candidatos nadem em vez de caminhar e pratiquem surfe em vez de nadar. O empregado ideal seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores, e que evite estabelecê-los agora; uma pessoa pronta a assumir qualquer tarefa que lhe apareça e preparada para se ajustar e refocalizar de imediato suas próprias inclinações, abraçando novas prioridades e abandonando as adquiridas anteriormente; uma pessoa acostumada a um ambiente em que

"acostumar-se em si - a um emprego, habilidade ou modo de fazer as coisas - é algo malvisto em portanto, imprudente; além de tudo, uma pessoa que deixará a empresa quando não for mais necessária, sem queixa nem processo. Uma pessoa que também considera as perspectivas de longo prazo, as trajetórias de carreira gravadas na pedra e qualquer tipo de estabilidade mais desconcertantes e assustadoras do que a ausência das mesmas.

Recordo de modo enfático que compreender os efeitos desse discurso da empregabilidade sobre a(s) identidade(s) do jovem estudante do Ensino Médio é o objetivo desta discussão.

Hall (1997) salienta que aqueles que controlam a cultura podem moldá-la, regulá-la de algum modo ou em certo grau, num jogo de poder. Inspirado por Hall (2003) não se pode compreender os jovens como atores passivos, que se posicionam num papel de alienados em relação ao mundo do trabalho, mas que negociam e articulam frente a este mundo. Buscar compreender os processos de relações de poder entre o discurso da empregabilidade e os jovens estudantes na escola ajuda a perceber que esses processos não são unilaterais, nem simétricos. Dessa forma, o discurso da empregabilidade que pretende submeter o jovem pelo disciplinamento da escola prometendo um sucesso financeiro e profissional acaba por se diluir. A velocidade das ações e relações para o consumo toma o jovem num processo de liquidez, de fluxo contínuo que descaracteriza o discurso da empregabilidade, apresentando a distância que existe entre o ambiente escolar e o mundo do trabalho.

Uma tentativa de explicar o processo de relações entre o mundo do trabalho e os jovens foi apresentado por Paul Willis (1991, 209-223) que distingue os significados da reprodução social em pelo menos três níveis como o oficial, o pragmático e o cultural. O oficial diz respeito à descrição formal de seu objetivo ideológico estatal; o pragmático diz do engajamento prático dos agentes, e o cultural, em que a cultura contra-escolar realmente realiza para a educação um de seus principais, embora des-reconhecidos, objetivos - a condução de uma parte dos jovens da classe trabalhadora, "voluntariamente" para o trabalho manual qualificado, semi-qualificado e desqualificado (WILLIS, 1991, p. 217).

Bauman (2010) refere que no turbilhão de mudanças é muito mais atraente o conhecimento criado para usar e jogar fora, o conhecimento pronto para utilização e

eliminação instantâneas, porém o que não se pode prever são as transformações contemporâneas. Em todas as épocas, o conhecimento foi avaliado com base em sua capacidade de representar fielmente o mundo. Mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais “bem-informados”? (BAUMAN, 2010, p. 43).

CAPÍTULO II – EFEITOS SOBRE A(S) IDENTIDADE(S)

Neste capítulo apresento os resultados da análise das respostas dos estudantes às perguntas realizadas durante a entrevista semi-estruturada, de modo a compreender os efeitos do discurso da empregabilidade sobre sua(s) identidade(s), sua percepção a respeito de como a escola os prepara para o mundo do trabalho, suas expectativas em relação à escola, o conceito de trabalhador que os jovens têm, de que modo sua família interfere na sua identidade de trabalhador e os planos que eles têm acerca de seu futuro profissional. Durante a entrevista, as respostas ocorreram simultaneamente e os participantes puderam dar mais de uma resposta para as perguntas.

A análise das respostas dos estudantes à primeira pergunta (Como a escola prepara você para o mundo do trabalho?) conduziu aos seguintes tópicos:

Tabela 1 – Como a escola prepara você para o mundo do trabalho?

Tópicos	Nº de Estudantes
Por meio de seminários realizados pelos alunos	01
Preparando os alunos para a prova do ENEM	01
Exigindo disciplina/obediência às regras da escola	03
Por meio das disciplinas/matérias oferecidas no ensino médio	03

Um dos participantes refere que a escola o prepara para o mundo do trabalho por meio de seminários realizados pelos alunos: *“Eu acredito que no seminário que eles fazem aqui, na hora em que a gente tem que falar, saber, na frente de todo mundo, pra gente perder um pouco de vergonha...”* Ou seja, a aluna parece sentir que, quando os professores solicitam que os alunos realizem seminários, eles estão ao mesmo tempo treinando/preparando-os para o mundo do trabalho, assim como se refere Rose (1998, p. 32) a respeito deste fenômeno:

[...] a administração da subjetividade tem-se tornado uma tarefa da organização moderna. As organizações vieram preencher o espaço entre as vidas ‘privadas’ dos cidadãos e as preocupações ‘públicas’ dos governantes. Escritórios, fábricas, companhias aéreas, faculdades, hospitais, prisões, exércitos e escolas, todos envolvem a administração calculada das forças e potências humanas, em busca dos objetivos da instituição.

Ao contribuir para que os alunos obtenham êxito na prova do ENEM, este outro participante acredita que a escola está preparando-os para o mundo do trabalho: *“O esforço, o esforço que a gente faz, por exemplo, pra ter resultado no ENEM, essas coisas, pode te ajudar num emprego também!”* Rememorando a prova do ENEM, nota-se que ela está formulada com questões específicas de cada área do conhecimento, atendendo o domínio de competências e habilidades que futuramente serão exigidas pelo mercado de trabalho, daí se pode compreender a fala deste aluno. Apoiado em Skliar (2003), a prova do ENEM pode ser considerada um instrumento utilizado pelo discurso da empregabilidade para tentar conduzir o jovem a adequar-se às necessidades de determinadas habilidades e competências no trabalho, tornando-o empregável.

Três participantes indicam que, exigindo do aluno, disciplina/obediência às regras da escola, a mesma o está preparando para o mundo do trabalho:

- *“Eu acho que é disciplina, que a escola exige, tipo é em questão, usar o uniforme, horário de chegada, se chegar um certo período atrasado já não entra mais, eu acho que é isso, que assim não adianta nada você começa a trabalhar e chegar atrasado no seu serviço...”*

- *“É, eu concordo em questão de disciplina, e também as regras né, porque onde você vai trabalhar tem regras, nada é feito do jeito que você quer se não vira baderna, é baderna né?”*

- *“É, responsabilidade, regras, exatamente isso, o uso de certas coisas que pode, que não pode...”* O aluno acredita que obedecendo regras na escola a pessoa está sendo preparada para também obedecer regras no ambiente de trabalho. Orwell (apud BAUMAN, 1998, p.27) refere-se à “bota de cano alto pisando uma face humana” como um disciplinamento que deseja manter o sujeito longe de cruzar as fronteiras da ilegalidade, ou seja, para mim, de maneira análoga os alunos parecem desejar e temer o controle sobre eles exercido pela escola.

Outros três participantes também apontam que a escola prepara o aluno para o mundo do trabalho por meio das disciplinas/matérias que são oferecidas no ensino médio:

- *“Tipo matemática serve pra quem quer ser engenheiro coisas relacionadas com matemáticas, português também pra quem tipo quer ser jornalista, agora no caso de outras matérias assim tem matérias que eu acho totalmente inúteis, tipo história eu não gosto de história eu falo porque sei lá, agente já tá vivendo o presente já tem que pensar no futuro pra que estudar o passado?, mais o professor fala que é pra gente saber como que se formou o presente hoje, mais história eu acho totalmente inútil, pra mim o importante é só português e matemática”*. Inspirado em Canclini (2008) a “escola é um palco fundamental para a teatralização do patrimônio”, ou seja, no desejo de uma cultura do consumo que quer preparar os alunos para serem futuros trabalhadores/consumidores. Dessa forma o aluno relaciona a matemática à profissão de engenheiro e o português à profissão de jornalista, descartando o valor da disciplina de história, pois ela, para ele, se refere apenas ao passado, aquilo que será deixado de lado.

- *“E as disciplinas é em questão de, para se formar nas profissões né, é dentista, engenheiro, advogado, tudo isso então agente acha que estuda realmente matemática, português agente aprende a falar melhor, se comunicar com as pessoas, acho que é isso. A importância dada à matemática e ao português em detrimento das outras disciplinas parece justificar-se em razão de que a carga horária para as disciplinas de matemática e o português serem maiores, conforme o horário de aula da escola. Apoiado em Canclini (2008) esse significado dado pelos alunos às disciplinas acima citadas, parece-me não ser proposto só por meio dos conteúdos, mas também pelas “celebrações” realizadas através de avaliações externas como a Olimpíada de Matemática¹ e o SAEMS², gerando momentos de premiações “festivas” para os melhores colocados.*

¹ A Olimpíada Brasileira de Matemática das escolas Públicas (OBMEP) é uma realização do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada – IMPA – e tem como objetivo estimular o estudo da matemática e revelar talentos na área. Em 2012, cerca de 19,1 milhões de alunos se inscreveram na competição e 99,4% dos municípios brasileiros estiveram representados. Acesso em 18/06/2013 <http://www.obmep.org.br/apresentacao.html>

A análise das respostas dos estudantes à segunda pergunta, apontou para os tópicos que se seguem:

Tabela 2 – O que você espera da escola?

Tópicos	Nº de Estudantes
Maior interação e interesse dos professores para com o aprendizado dos alunos	04
Mais atividades práticas aliadas às aulas teóricas	04
Professores dispostos a adaptar a linguagem científica à linguagem popular	01
Punição para os alunos que desobedecem as normas da escola	01
Maior fiscalização quanto ao cumprimento, por parte dos alunos, das normas da escola	01
Valorização e incentivo para o aluno que se destaca por bom desempenho escolar	01
Que o conhecimento adquirido na escola possa ter utilidade na vida como um todo	01
Que ofereça cursos profissionalizantes aos alunos	02

Maior interação e interesse dos professores para com o aprendizado dos alunos foi a resposta de quatro estudantes a respeito do que esperam da escola.

Este aluno assim se expressa: *“Tem professores que ficam só naquela de falar, falar, falar, falar, não deixa o aluno participar, isso atrapalha muito. Você entra na sala e fica só ouvindo o professor falar, aí você dorme, né. (risos)”* Nesta fala fica evidente a reação do aluno (que dorme em sala de aula) frente à dificuldade do professor para interagir com os alunos. Esta aluna complementa a ideia do colega: *“tem professor que chega ali e explica assim, ele tá explicando pra quem não tá prestando atenção, não tá nem aí, se tá uma maior bagunça, porque ele já tá cansado de ficar chamando a atenção, que ele chega uma hora que ele pega e fala: Ah! Quem tá*

² Sistema de Avaliação da Educação Básica do Estado de Mato Grosso do Sul. Acesso em 18/06/2013 http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=493&id_reg=172&voltar=lista&site_reg=98&id_comp_orig=493

interessado que aprenda. Aí tem outra que tipo, ela chega, ela quer silêncio, todo mundo tá em silêncio, só que ela só fala, só fala, só fala, tipo assim, você acaba não entendendo nada da matéria, porque você não participa”.

Pesquisador – Então essa dinâmica pra vocês seria o professor interagir com vocês?

Aluna: *“Poder pegar a matéria, tipo não só interagir com a gente, mas ele poder pegar a matéria e tipo mostrar pra gente de uma forma diferente”.*

Pesquisador – o que seria essa forma diferente?

Aluna: *“Mais na prática do que na teoria”.*

Durante observação em sala de aula, como pesquisador, notei que os alunos com seus celulares e notebooks também ficam indiferentes aos professores. A atitude de ambos reflete a teoria de Bauman (2010) sobre a relação professor/aluno na fase líquido-moderna onde refere que há uma incompreensão recíproca entre gerações. “Fazer contato visual ou permitir a aproximação física de um outro ser humano é sinônimo de desperdício, pois equivale a dedicar algum tempo, escasso e precioso, a “aprofundar”: decisão que poderia interromper ou impedir o surfe em tantas superfícies convidativas” (BAUMAN, 2010, p.66).

Dessa forma, custa aos alunos deixar de lado atividades que lhes despertam mais interesse (usando celulares para ouvir música ou acessar as redes sociais) à voltar a sua atenção para a aula, assim como custa ao professor deixar de lado sua aula tão esquematicamente planejada à voltar sua atenção aos alunos e suas demandas no momento da aula.

A fala da aluna aponta para outro tema obtido a partir das repostas dos alunos à essa segunda pergunta: os alunos desejam mais atividades práticas aliadas às aulas teóricas: *“O professor de física ele usou muito esse ano, ele usou a gente fazer tirinhas, né, com o conteúdo e, atividade experimental, tipo, é na prática a matéria, tudo o que ele acaba falando ele acaba mostrando na atividade experimental era um jeito da gente entender. Era bem mais fácil. O ano passado também, o professor mandou a gente fazer várias coisas na prática mesmo, é, com experimentos, né, pra gente poder ver como é que é, não ficar só naquela do papel, da teoria... ah! Você sabe, é bem mais prático, é uma forma de aprender melhor”.* Assumindo o discurso da

empregabilidade como uma busca por produzir trabalhadores que sejam empregáveis, os alunos parecem desejar uma forma de “aprender melhor”, ou seja, inspirado em Bauman (2008) os alunos acabam por se identificarem como “membros de uma sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor” (BAUMAN, 2008, p.76).

A queixa deste aluno a respeito da forma com que a professora ministra suas aulas, aponta para o tema “Professores dispostos a adaptar a linguagem científica à linguagem popular”, como resposta dos alunos ao que esperam da escola: *“Aí tem outra professora que tipo, ela chega, ela quer silêncio, todo mundo tá em silêncio, só que ela só fala, só fala, só fala, tipo assim, você acaba não entendendo nada da matéria, porque você não participa. Porque ela fala que nem professor de faculdade certo, ela vai usando palavras difíceis, não fala assim direto”*. Observa-se que o aluno tem dificuldade para entender o significado da terminologia científica, seja por falhas do professor (que ao utilizar determinado termo não se certificou da compreensão deste termo pelos alunos), seja por dificuldade de compreensão do próprio aluno em razão de não possuir o hábito de consultar o dicionário relacionado à determinada disciplina.

Ao utilizar uma linguagem da qual os alunos dão a impressão de não quererem assumir como sendo também uma linguagem utilizada por eles aparenta a necessidade de não fixar-se, de não parecer “velho”, de poder surfar na própria linguagem, de utilizar a escrita como eles quiserem, talvez influenciados pelo “internetês” das redes sociais, linguagem utilizada pelos jovens usando abreviações para mandar mensagens com poucos caracteres, o qual é amplamente utilizado por eles.

A punição para os alunos que desobedecerem as normas da escola, e, maior fiscalização quanto ao cumprimento, por parte do aluno, das normas da escola, formam outra resposta de um estudante para a questão sobre o que ele espera da escola. A forte identificação com esse discurso aparenta a captura desse aluno para o discurso monocultural da modernidade em que o estranho, o vagabundo deve ser punido. Observando em sala de aula, como pesquisador, notei que os alunos parecem praticar a busca pela pureza pós-moderna, conceito desenvolvido por Bauman (1998) que

“expressa-se diariamente com a ação punitiva contra os moradores das ruas pobres e das áreas urbanas proibidas, os vagabundos, os indolentes” (p.26), de maneira análoga os estudantes assim parecem proceder quando formam grupos na sala de aula separando-se entre os que querem estudar dos que não estão interessados em estudar, e percebi que o grupo dos que querem estudar acabam por praticar certas formas punições para os “estranhos”, sendo indiferentes, ridicularizando quando fazem perguntas básicas, não aceitando nos grupos para fazerem trabalhos juntos, chegando até alguns alunos a solicitarem aos professores para fazerem o trabalho individualmente.

A valorização e incentivo para o aluno que se destaca por bom desempenho escolar, é uma resposta que também parece indicar a identificação dos alunos com o modelo de “Educação para o Sucesso” proposto pela gestão atual da Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso do Sul a qual pretende que seja adotada pelas Escolas e pelos alunos, favorecendo o surgimento de uma identidade preocupada apenas consigo mesma, com o seu próprio sucesso, querendo descolar o sujeito do seu grupo, da sua família, prometendo uma suposta segurança financeira como resultado de seus esforços.

Que o conhecimento adquirido na escola possa ter utilidade na vida como um todo, foi a resposta de uma aluna que, demonstra em sua fala a preocupação em conseguir aplicar em sua vida, e não somente como forma de preparar-se para a prova do ENEM, todo o conhecimento conquistado durante os anos do ensino médio. Este tema nos sugere que a aluna percebe determinados aspectos do conhecimento adquirido na escola, como sendo de pouca utilidade prática. Aqui, mais uma vez, aparece o distanciamento entre os conhecimentos produzidos pelas gerações dos mais “velhos” e dos mais “jovens”, onde a percepção desta aluna é de que o conhecimento apresentado pela escola não é mais seguro, não dá garantia de um resultado financeiro, apoiado em Bauman (2010) que sugere a produção de uma sociedade do medo, “onde é interessante para os governos e o mercado manter esses medos, e se possível estimular a insegurança” (p. 75).

Dois alunos referem-se à importância de que a escola ofereça aos alunos, cursos profissionalizantes, demonstrando sua necessidade de se preparar para o mercado de trabalho. Parece que estes estudantes já estão capturados pelo discurso da

empregabilidade no que se refere a essa necessidade de potencializar sua empregabilidade. Inspirando-me em Bauman (2008) penso que essa preparação adquire um caráter permanente, pois ao colocar-se à disposição do futuro empregador o potencial empregado acaba por reacomodar-se ao trabalho, qualificando-se, adquirindo novas habilidades e esquecendo outras, para adequar-se às necessidades do emprego.

Frente à pergunta: O que é ser trabalhador para você? A maioria dos alunos indica (tabela 3) que ser trabalhador é uma forma de lutar para sobreviver em um mundo “movido a dinheiro”.

Tabela 3 – O que é ser trabalhador para você?

Tópicos	Nº de Estudantes
É ser produtivo	03
É cumprir com os deveres de trabalhador	02
É esforçar-se continuamente para conquistar promoção de cargo	02
É uma forma de conquistar independência financeira da família	04
É uma forma de lutar para sobreviver em um mundo “movido a dinheiro”	05
É ser reconhecido financeiramente pelo esforço investido no trabalho	01
É trabalhar com algo com que se identifique	02
É buscar um sentido para viver	01
É procurar os direitos trabalhistas quando necessário	01

Ser trabalhador “é ser produtivo”, assim se referem estes alunos:

- *“Ah eu acho que, assim como eu, ajudo meus pais no negocio deles, eu exijo chegar no horário e assim eu acho que a pessoa tem que rende alguma coisa, porque é com aquilo que ela tá fazendo que ela vai conseguir o salário dela, porque se não tiver produtividade, o que que acontece? Não tem a economia, o dinheiro não vai entrar, não vai gerar nada...”*

- *“se você não for patrão no caso se você tiver trabalhando pra empresa, faz a diferença na empresa, é cumprir horário, regras, porque como na escola no serviço também tem regras, uso de celular eu acho muito errado no serviço, tira totalmente a concentração, conversas paralelas né? Vamos supor, tem uma venda aqui, cê tem que vender pra aquela pessoa, você tem que vender 1000, aí tem uma outra pessoa te incomodando, falando, falando, aí você vai ficar desatento, cê não vai conseguir se concentrar!”*

Os alunos acreditam que ser trabalhador é ter necessariamente a capacidade de contribuir para a obtenção de lucro para o empregador, demonstrando produtividade. O sucesso aqui apresentado extrapola a identidade do trabalhador quando nem ele mesmo acaba identificando-se com a tarefa, como que se perdendo.

Bauman refere que “buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos inicialmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo...os celulares são suficientes” (BAUMAN, 2005, p.32 -33).

Ser trabalhador para estes estudantes é cumprir com os deveres de trabalhador, esforçando-se continuamente para conquistar promoção de cargo:

- *“Acho que a gente tem que tá sempre buscando crescer, fazer as coisas corretamente, tá procurando se especializar pelo menos naquela área que você tá trabalhando no momento.”*

- *“É fazer pra receber né? Fazer o seu dever e receber no final em troca o que ele fez por merecer. E também sempre procurar evoluir, não só ficar naquele cargo que ele tá. Tentar também sempre ir mais além, se superar, acho que é isso também.”* Estes alunos, capturados que estão pelo discurso da empregabilidade, acreditam que cada trabalhador tem “aquilo que merece”, ou seja, o retorno financeiro que cada um tem por seu trabalho é reflexo de seu próprio esforço de, a cada dia, potencializar sua empregabilidade por meio de cursos de capacitação e cumprimento de seus deveres no trabalho. A escola promete ao jovem que se ele seguir a disciplina escolar irá obter um sucesso financeiro (WILLIS, 1991).

- “*eu acho que trabalho é uma questão de sobrevivência né? Porque hoje o mundo é movido a dinheiro, tudo o que você vai fazer você precisa ter dinheiro né? Não é questão de luxúria, riqueza, é uma questão de sobrevivência mesmo!*” Isto confirma o que Bauman (1998) refere quando considera a sociedade atual uma sociedade voltada para o consumo. A aparente centralidade da cultura do consumo para esses jovens valoriza a importância do dinheiro como motor para as relações sociais, o mundo é movido a dinheiro, mas, ao mesmo tempo esses estudantes relacionam-se partilhando um pacote de bolachas, um refrigerante, uma guloseima, parecendo não assumir a centralidade do valor do dinheiro que o discurso colonial quer impor.

É uma forma de conquistar independência financeira da família, foi a resposta de quatro estudantes e, sugere que o fator que parece motivar esses estudantes para procurar emprego parece ser o incômodo de pedir dinheiro para os pais para suprir suas necessidades que, muitas vezes, podem ser percebidas pela família como necessidades voltadas a coisas supérfluas, que não têm urgência de serem atendidas, como dinheiro para sair com os amigos, dinheiro para comprar sapatos novos, trocar de aparelho celular, entre outros: “*A falta de dinheiro (risos), principal, exemplo: você quer roupa, calçado, aí tem que pedir pra mãe, e a minha mãe paga aluguel e sustenta eu e a minha irmã, aí não tem como ela me dar um monte de coisa, por causa das despesas que ela já tem, e fica até meio chato pedir as coisas pra ela*”. Para Bauman (1998, p. 24) “a subjetividade dos consumidores é feita por opções de compra – opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores; sua descrição adquire a forma de uma lista de compras”.

Ser reconhecido financeiramente pelo esforço investido no trabalho, também foi apontado pelos estudantes como significado de ser trabalhador, favorecendo a percepção de que aquele que não possui esse reconhecimento não é percebido pela sociedade como um trabalhador “de verdade”, como é o caso muitas vezes, do trabalhador informal ou daquele que, socialmente, recebe um baixo salário. Assim se refere este aluno: “*É fazer pra receber né? Fazer o seu dever e receber no final em troca, o que ele fez por merecer!*” Nesta fala novamente nota-se a responsabilização do indivíduo por seu sucesso profissional, denotando a influência do discurso da empregabilidade (ROSE, 1998; BAUMAN, 2008).

Os estudantes também referem que ser trabalhador é trabalhar com algo com que se identifique:

- *“Eu acho assim, não adianta nada você se formar naquilo que você não gosta. Cé tem que procurar se especializar, fazer alguma coisa que você goste, que você tenha paixão por aquilo que você ta fazendo, porque se você for e fizer algo que você não gosta, que profissional você vai ser?”* Os estudantes demonstram que desejam conciliar sua prática de trabalho ao prazer de se trabalhar com aquilo que lhe desperte interesse, como forma de tornar o trabalho algo que gere menos sofrimento e desconforto possível:

- *“Pra mim, aquele que tem necessidade de trabalhar, também deveria gostar do trabalho que faz!”* Como forma de se sentir menos desconfortável no trabalho e de potencializar sua capacidade de produtividade, seu desempenho no trabalho. Bauman (2008, p. 61) refere que “as respostas à pergunta “você é feliz?” dadas por membros da sociedade de consumidores podem, de maneira legítima, serem vistas como o teste maior de seu sucesso e fracasso”.

Ser trabalhador enquanto busca do sentido para se viver, foi referido por este aluno: *“Ah pra mim, tem aquela pessoa que trabalha por necessidade e tem aquela que gosta do trabalho e faz porque quer fazer alguma coisa na vida, quer ter algum sentido assim pra viver”*. Amparando-se em Skliar (2001) a lógica binária ambivalente sobre o trabalho que este jovem apresenta, produz estereótipos, de certa forma buscando exercer um controle sobre o outro. Essa atitude não pode ser considerada ingênua, uma vez que aponta unicamente para o indivíduo a responsabilidade sobre suas escolhas, minimizando a importância da influência de outros elementos, como a condição social, o grupo familiar a que pertence, e as opções de trabalho disponibilizadas pelo mercado.

Um aluno ainda aponta que, ser trabalhador é ter consciência de seus direitos trabalhistas e procurá-los quando necessário: *“cê ta vendo que tem alguma coisa errada, tem que procurar os seus direitos! Porque não é só trabalhar, trabalhar, trabalhar! O trabalhador tem os seus direitos como também tem os seus deveres. Então é tipo... ele tem que produzir mas também não tem que ser escravo! Digamos assim: se passou do horário tem que receber hora extra, se chegou tarde, se chegou atrasado, tem que descontar o atraso dele! É não ficar com a venda nos olhos! Eu acho que é isso.”* Este aluno parece chamar a atenção para o fato de que a identidade de trabalhador

está também relacionada à consciência de que ser trabalhador não é o mesmo que ser um escravo, de que por isso, precisa estar atento aos seus direitos trabalhistas. Willis (1991) a respeito dos processos de subjetivação e sua relação com o trabalho, entende que o jovem possui a percepção de seu papel nesse “jogo de poder”, ora aceitando as exigências que lhes são impostas, ora resistindo.

A análise das respostas dos alunos à quarta pergunta, gerou os seguintes tópicos:

Tabela 4 – Como sua família interfere na sua identidade de trabalhador?

Tópicos	Nº de Estudantes
Apoiando e alertando para que a vida escolar não seja negligenciada em função do trabalho	05
Considera que ainda não há necessidade de trabalhar	02
Pensa ser importante, primeiramente, fazer cursos profissionalizantes	01
Acredita que tem que começar agora para adquirir experiência profissional para o futuro	01
Oferece a opção de trabalhar como punição, caso ocorra queda no aproveitamento escolar	01

A maioria dos alunos refere que sua família apoia sua atitude de trabalhar, alertando, porém, para que a vida escolar não seja negligenciada em função do trabalho. Os pais dos alunos parecem se preocupar com o “risco” que os filhos correm quando investem seu tempo e dedicação no trabalho que momentaneamente exercem (a princípio, para suprir sua necessidade de consumo) e que, na sua percepção, não vai “garantir” o seu futuro. Ou seja, é um emprego que não promete uma estabilidade e nem o retorno financeiro que eles pais, sonham para seus filhos (BAUMAN, 2008).

Assim se refere esta aluna: *“É... fica com o pé atrás, com medo do desempenho na escola... se depender do desempenho ter que parar”*. Professor: Então a família acompanha o rendimento na escola? Se cair o rendimento cogita em sair do trabalho? Alunos: *Sim*.

Esta aluna relata que a mãe lhe ofereceu a opção de trabalhar como “punição” e maneira de reparar seu baixo aproveitamento escolar: *“A minha mãe ano passado ficou brava, ela falava que não era pra continua tirando nota baixa. Aí esse ano, eu fiquei seis meses desempregada e tava tirando nota baixa na escola; aí ela pego e falo que era pra eu voltar a trabalhar, justamente por causa disso. Ela ficou de cara e falou: não, agora você vai voltar a trabalhar, porque você não tava dando valor só estudando, agora você vai volta a trabalhar. Aí eu voltei de boa”*. Willis (1998) refere que o trabalho manual (que é o tipo de trabalho comumente ofertado à pessoa nessa faixa etária e com esse nível de instrução) é percebido pelos sujeitos como algo que gera desconforto, sofrimento, algo como uma condenação.

Estas alunas referem que seus pais consideram que ainda não há necessidade de que elas trabalhem:

- *“É assim: meus pais dizem que eu não preciso trabalha tal, mas eu acho necessário. Eu gosto, eu ajudo eles, é uma forma de ajudar eles e também eu ter o meu dinheiro”*.

- *“Eu ainda não to sentindo necessidade de ter um emprego e ela falo que não precisa por enquanto, então to mais estudando assim pra poder melhorar no futuro”*. Esta aluna se refere à tia, com quem mora. Apesar de acreditar não ser ainda necessário que a sobrinha trabalhe, a tia da aluna considera importante que esta, enquanto aguarda a entrada para o mercado de trabalho, vá submetendo-se a cursos profissionalizantes: *“Então, primeiro ela me colocou em cursos profissionalizantes pra poder melhorar alguma coisa. Então isso não tá atrapalhando meus estudos”*. A tia da aluna parece estar seduzida pelo discurso da empregabilidade quando incentiva a sobrinha a desenvolver sua empregabilidade por meio de cursos que venham a “torná-la empregável” (BAUMAN, 2008).

A mãe desta aluna acredita que a filha deve começar a trabalhar agora para adquirir experiência profissional para o futuro: *“Bom, minha mãe... ela incentiva, ela*

fala: tem que procurar um emprego pra eu ter meu dinheiro, porque lá em casa minha mãe não vai conseguir me sustentar pra sempre. Ela fala que já tem que começar agora pra uma experiência pro futuro". A mãe parece se preocupar não apenas em preparar a filha para o mercado de trabalho futuro como também “garantir” que a mesma não fique dependente dela por muito tempo. Quanto à preocupação da mãe da aluna de que a filha adquira experiência profissional agora a fim de causar uma boa impressão no mercado de trabalho futuro, Bauman (2008) considera que o empregado ideal é aquele que aparece preparado para ajustar-se às necessidades do empregador, por isso, a importância de estar “apto” a desenvolver as habilidades na prática profissional.

A análise das respostas dos estudantes à pergunta cinco, conduziu aos seguintes tópicos:

Tabela 5 – Em que trabalho você visualiza o seu futuro?

Tópicos	Nº de Estudantes
Ainda não decidiu	02
Um trabalho que proporcione satisfação/prazer ao desempenhá-lo	02
Um trabalho que ofereça renda proporcional à qualificação nele investida	01
Algo relacionado à tecnologia	01
Publicidade e Propaganda	01
Odontologia	01
Concurso para trabalhar na Marinha	01
Medicina	01

A maioria dos estudantes entrevistados indicou uma profissão ou área profissional de seu interesse, sendo que um aluno salientou que, seja qual for a profissão por ele escolhida, esta deverá proporcionar renda equivalente à qualificação nela investida. Dois alunos frisaram que o trabalho que irão exercer no futuro, deverá ser um trabalho que lhes proporcione satisfação no dia-a-dia profissional, por ser algo com que se identificam:

- *“Um trabalho com salário proporcional ao que eu faça direito, naquela média”.*

Professor – Que média?

Aluno: *“Ah, por exemplo, se você for médico, se a média for R\$ 15.000,00 ou R\$16.000,00 você vai se completa nessa média entendeu? Agora, se for ganhar menos você não vai gostar, você sabe que tem gente que tá no mesmo nível que você, às vezes você pode ser melhor que a pessoa só que você fica em baixo. Quanto mais você tem, mais você quer”.*

- *“A gente tem que pensar no que é melhor pra gente e no que a gente vai gostar, não só no dinheiro! Porque dinheiro em qualquer trabalho consegue dinheiro. O problema é você gostar. Por isso que eu não decidi ainda que área eu vou fazer, porque eu vou fazer uma coisa que eu goste. Sem você gostar não adianta, não adianta trabalhar! Porque não rende seu trabalho. Acho que é isso”.*

- *“Desde pequenininha, eu sempre quis fazer faculdade de medicina e todo mundo fica falando: ah você vai fazer faculdade de medicina, então faz cirurgia plástica, faz psiquiatria. Eu acho assim, eu vou fazer faculdade de medicina porque eu sou apaixonada por essa área, e eu quero fazer alguma coisa assim que eu goste, que eu me identifique. Muita gente fala pra mim: ai você vai fazer neurologia? Você só vai estudar, dinheiro que é bom não vai render. Eu vou fazer uma coisa que eu goste e não importa o quanto eu vou ganhar. O que importa é que eu vou fazer algo com amor, e que mais pra frente eu vou ser uma boa profissional. Não adianta nada eu falar que vou fazer cirurgia plástica porque eu vou ganhar grana! Que profissional que eu vou ser? Qual é a segurança que eu vou passar pros pacientes?”*

Esse jogo de linguagem, inspirado em Bauman (2008), parece deslizar a produção humana para esse valor de mercadoria no qual o trabalho dá a impressão de ter se transformado. “No caso da subjetividade na sociedade de consumidores, é a vez de comprar e vender os símbolos empregados na construção da identidade” (p.23).

Pergunta professor: Vocês querem um trabalho nessa área que te dê uma renda, que seja da média da renda dos trabalhadores dessas áreas?

Aluno: *“É, proporcional ao que você se qualificou”.*

Professor: Proporcional ao que você se qualificou?

Aluno: *“É, porque não vai adianta nada você entrar na faculdade, se desempenhar, ter sabedoria e não ter resultado”*. Aqui o aluno parece perceber que há algo suspeito (BAUMAN, 2010) no discurso da empregabilidade, que quer apresentar o resultado do esforço individual como algo garantido.

- *“Eu quero alguma coisa que mexe com tecnologia, porque eu gosto demais! Eu acho muito interessante porque é uma coisa que ta sempre mudando, ta sempre melhor, sempre buscando a solução pra vários problemas. Então é uma coisa que evolui, ta sempre evoluindo! Então pra mim seria um bom trabalho, porque nunca eu ia fica na mesma coisa”*. Este relato vem ao encontro das ideias de Bauman (2008, p. 17-18):

[...] Os empregadores desejam que seus futuros candidatos nadem em vez de caminhar e pratiquem surfe em vez de nadar. O empregado ideal seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores, e que evite estabelecê-los agora; uma pessoa pronta a assumir qualquer tarefa que lhe apareça e preparada para se ajustar e refocalizar de imediato suas próprias inclinações, abraçando novas prioridades e abandonando as adquiridas anteriormente; uma pessoa acostumada a um ambiente em que "acostumar-se em si - a um emprego, habilidade ou modo de fazer as coisas - é algo malvisto em portanto, imprudente; além de tudo, uma pessoa que deixará a empresa quando não for mais necessária, sem queixa nem processo. Uma pessoa que também considera as perspectivas de longo prazo, as trajetórias de carreira gravadas na pedra e qualquer tipo de estabilidade mais desconcertantes e assustadoras do que a ausência das mesmas.

Dois alunos ainda estão indecisos e inseguros sobre o trabalho que visualizam para o seu futuro, demonstrando que esta insegurança parece ter uma relação com fatores como: expectativa dos pais/família, identificação com a profissão e o retorno financeiro que o trabalho poderá proporcionar. Assim pensam estes estudantes:

- *“Eu não decidi ainda que área eu vou fazer porque eu vou fazer uma coisa que eu goste”*.

- *“Bom, minha família quer que eu faça direito, mas tá aí uma coisa que eu acho que eu nunca faria. Não é pra mim. Eu penso muito é ser uma veterinária... apesar da minha família ser contra e falar: não! você não vai ganhar dinheiro com isso! Eu já vi muita gente ganhando dinheiro com isso, porque gosta do que faz! E também psicologia... eu acho muito interessante! você entender a cabeça do ser humano é uma coisa muito*

interessante! mas é uma dúvida do que eu ainda quero fazer, mas eu acho muito interessante. Eu acho que eu seria uma ótima profissional se eu fizesse uma dessas duas áreas que eu gosto". Os estudantes se deparam neste momento da vida com um grande conflito: se ele escolhe a profissão que ele gosta, mas que sabe que não trará um retorno financeiro imediato, ele não ficará satisfeito. Se ele escolhe a profissão que ele gosta, mas que a família desaprova, ele também não fica satisfeito. E se ele escolhe a profissão que a família acredita que trará um retorno financeiro satisfatório, mas, é uma profissão com a qual ele não se identifica, ele também não estará satisfeito.

Estes jovens parecem estar procurando uma satisfação completa, uma escolha em que eles só terão ganhos e nunca perdas, algo praticamente impossível pois, quando escolhemos algo, deixamos outra de lado. Como refere Bauman (2010), essa segurança que eles buscam é algo fluido, que sempre está a nos escapar.

A análise das respostas dos estudantes à pergunta seis apontou para os temas:

Tabela 6 – Para você se sentir realizado e feliz no trabalho, ele deve te proporcionar o que?

Temas	Nº de Estudantes
Deve considerar minha presença essencial	01
Deve oferecer todo o suporte que eu precisar	01
Uma carreira/estabilidade	02
Permitir que eu utilize minha experiência e sabedoria	01
Que eu fique conhecido como “o melhor” profissional da área	01
Prazer ao trabalhar	04
Retorno financeiro	02
Oferecer desafios	01

A maioria dos estudantes refere que ter prazer ao trabalhar é essencial para que se sintam realizados e felizes no trabalho:

- *“Eu acho que você tem que gosta daquilo que você vai fazer, o mais importante é isso! Se você vai fazer o que você gosta você vai ser um bom profissional. Se você vai fazer algo que você goste, que você sinta vontade, se identifique com aquilo, vai ser prazeroso o resto da sua vida”*.

- *“Eu acho que o que me atrai é aquilo o que eu gosto, que o dinheiro vem com o tempo. O dinheiro importa bastante, mas o prazer de você fazer aquilo que você gosta, te deixa mais feliz com aquilo”*. O prazer no trabalho parece estar relacionado a exercer uma atividade profissional com a qual se identifique, que seja de seu interesse, como forma de se proteger do desconforto e sofrimento que estes jovens parecem estar vivenciando em sua prática de trabalho atual, já que se trata de atividades profissionais que exigem deles maior trabalho manual em detrimento ao esforço intelectual, mas que foi ofertado a eles como oportunidade de emprego pela sociedade de consumo (WILLIS, 1991; BAUMAN, 2008).

O retorno financeiro, apontado por dois estudantes, foi identificado como fator fundamental para a realização profissional:

- *“Eu acho o seguinte, querendo ou não o trabalho não é de graça né? Você quer ter resultado! Então, se você vai fazer aquilo que você gosta, mas só que não tá tendo resultado, querendo ou não você vai ficar disperso com aquilo, você vai começar a achar ruim o que você faz. Então, eu acho que o prazer envolve o dinheiro também no trabalho, porque sem o dinheiro, você trabalhando, fazendo aquilo que você gosta, você vai tá sempre evoluindo, buscando muito, procurando, correndo atrás... vai ter retorno claro, mas não como você espera de cara! Eu acho que o resultado vem algum tempo depois que você se especializa mais. Só que se depois de algum tempo esse resultado não surgir, o trabalho já vai deixar de ser um prazer pra você. Querendo ou não o dinheiro envolve, tem que fazer o que gosta mais tem que ter resultado também né? Porque se não, não adianta”*.

Nesta fala, percebe-se que o prazer de se fazer o que se gosta, de se trabalhar com algo com o qual se identifique, é fator importante. No entanto, esse “prazer” tem de estar acompanhado necessariamente de retorno financeiro, que parece significar a força motriz do trabalhador para que consiga trabalhar e atender às demandas do seu cotidiano de trabalho. Ou seja, sem dinheiro não há força, motivação para se trabalhar, ainda que seja uma tarefa do interesse de quem trabalha.

Um outro aspecto interessante nesta fala, é que o estudante refere que quando se trabalha apenas por prazer e considerando o retorno financeiro algo secundário, o trabalhador, na percepção desse aluno, acaba por esforçar-se (e parece que já internalizando que está fazendo isso) para conseguir o retorno financeiro. Como faz isso? Buscando fazer cursos de capacitação, especialização... na visão do aluno, quando se procura exercer um trabalho que você sabe que de imediato trará retorno financeiro satisfatório (como num concurso que você sabe que paga bem, ou num emprego que você sabe que vai ter um bom salário, independentemente de cursos que você vai fazer, ao menos em princípio), a satisfação do trabalhador parece ser muito maior na opinião desse aluno (WILLIS, 1991).

Estabilidade profissional, a possibilidade de ter uma carreira, foi indicada por dois alunos como fator importante para que se sintam realizados no trabalho:

- *“Eu quero a área da aviação, que me considere como uma presença conceituada e que eu teria uma carreira entendeu. Ninguém me falaria: ah, esse aí é só mais um piloto que vai vir e a gente vai despejar, vamos contratar por um tempo daí depois de um tempo a gente joga ele em outro lugar, muda ele de cargo! Essas coisas eu não quero não, eu quero ter uma carreira e ser bem destacado entendeu?”* O estudante parece estar desejando uma segurança profissional a partir da modernidade sólida, onde o trabalhador preparava-se por assumir um posto de trabalho por toda a vida até aposentar-se. Segundo Bauman (2010, p. 69) a modernidade líquida captura os jovens num processo de reidentificação. “As identidades devem ser descartáveis; uma identidade insatisfatória, não satisfatória o bastante ou que revele sua idade avançada deve ser fácil de ser abandonada: Talvez a biodegradabilidade seja o atributo mais desejado da identidade ideal”.

Um trabalho que considere sua presença essencial ofereça todo o suporte que precisar e lhe permita utilizar sua experiência e sabedoria, foi o que apontou ainda o mesmo estudante a respeito do que seja imprescindível a ele para que se sinta realizado no trabalho: “(...) *me considere com uma presença conceituada e que eu sei que por exemplo tudo o que eu precisar a empresa vai tá ao meu dispor, que eu use minha experiência, sabedoria*”. Ou seja, este estudante precisa sentir-se indispensável no trabalho, de modo que não possa ser facilmente substituído. Demonstra também uma necessidade de sentir que ocupa uma função de destaque, em que pessoas estarão sempre à sua disposição para aquilo que precisar, tendo a chance de expor suas opiniões baseadas em sua experiência profissional e sua sabedoria, como num cargo de chefia.

O desejo de sentir-se chefe, de estar num cargo onde sua presença é essencial parece suprir ou compensar sentimentos de insegurança e vulnerabilidade que hoje os trabalhadores sentem em relação à liquidez de seus empregos.

Uma atividade profissional que possibilite sentir-se “o melhor” profissional da área foi a resposta de um dos entrevistados com relação ao que precisa para sentir-se realizado no trabalho. Esta necessidade de ser reconhecido como “o melhor” profissional da área em que atue, parece refletir outra necessidade deste aluno: a necessidade de compensar o contrário; este aluno aparenta sentir-se bastante desprivilegiado no que diz respeito à sua participação no mercado de trabalho atual, ansiando por mais respeito, consideração e reconhecimento por suas contribuições no ambiente em que trabalha. Baseado em Bauman (1998) o mal-estar apresentado pelo estudante ao desejar reconhecimento dá a impressão de que é mais confortável ser como um turista, pois, sendo o melhor ele pode deslocar-se para onde quiser, sendo valorizado e reconhecido onde for, diferentemente a situação do vagabundo, que pode ocupar os mesmos espaços, mas é mal-visto pela sociedade de consumo, não é valorizado, causa estranhamento e acaba por sofrer com repressões da sociedade de consumo.

Para se sentir realizado no trabalho este aluno parece necessitar de um ambiente de trabalho que lhe ofereça desafios: “*Eu não gosto muito de rotina, então pra mim, ia ser bom sempre ter coisa nova, sempre ter um desafio pra fazer e tal, assim por isso que eu gosto dessa área de tecnologia, porque tá sempre mudando, evoluindo*”. O aluno parece estar capturado pelo discurso da empregabilidade quando demonstra certa

adaptabilidade (confundida com algo que ele gosta e se interessa) à liquidez com que seus conhecimentos e os cursos que faz são descartados de tempos em tempos e substituídos por exigências de novos cursos de capacitação e aperfeiçoamento na função em que trabalha, despertando a impressão, no trabalhador, de que ele está evoluindo com a tecnologia, assim o controle já não precisa ser feito fora do sujeito, mas já encontra-se internalizado. (BAUMAN, 1998; 2005; 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa indicam que o discurso da empregabilidade parece permear as crenças, valores, comportamentos e escolhas dos jovens estudantes. A análise de seus relatos indica que percebem a escola, suas normas e metodologia de ensino, como estratégias que os conduzem e os preparam para o mundo do trabalho.

Quando são convidados à realização de seminários em sala de aula, sentem que dessa forma estão aperfeiçoando sua capacidade de comunicação para a utilizarem de forma eficiente no mercado de trabalho. Ao serem orientados pelos professores a estudar questões similares às questões da prova do ENEM e assim treinarem para esta prova, percebem que dessa maneira também se preparam para atender exigências do mundo do trabalho.

As diferentes disciplinas/matérias que são ministradas no ensino médio, são consideradas pelos entrevistados como maneiras de identificar suas próprias habilidades e de se preparar para atuar em áreas de trabalho equivalentes a tais disciplinas.

A exigência da escola para que os alunos obedeçam suas regras, é entendida pelos estudantes como forma de prepará-los para também obedecer regras nos ambientes de trabalho dos quais fazem parte ou que ainda farão num futuro próximo. Assim, todos os tópicos apontados pelos entrevistados frente à questão “Como a escola prepara você para o mundo do trabalho?”, são formas que, na sua compreensão, a escola utiliza para prepará-los para o mundo do trabalho, adequando-se a necessidades como habilidades e competências para fazer parte deste universo, tornando-se portanto, empregáveis.

Os jovens estudantes esperam da escola maior interação e interesse dos professores para com o seu aprendizado, oportunizando-os a vivência, por meio de

atividades práticas em laboratório, daquilo que aos poucos vão conhecendo na teoria. Sua necessidade de praticar os conhecimentos teóricos adquiridos, parece ser reflexo da necessidade já percebida por eles, de capacitarem-se para lidar com as diferentes demandas que lhes são exigidas no mercado de trabalho.

Ao esperar maior interação do professor, demonstram que esperam dele aquilo que também não conseguem oferecê-lo, ou seja, interação, participação nas aulas sem a necessidade de, a todo momento, consultar seu aparelho celular para acessar as redes sociais. Ambos, professores e alunos estabelecem uma relação líquido-moderna, caracterizada pela incompreensão recíproca entre gerações.

Referindo que esperam da escola maior fiscalização e punição para aqueles alunos que desobedecem suas normas, os estudantes demonstram sua identificação e captura para o discurso monocultural da modernidade, em que o estranho, o vagabundo, deve ser punido. A referência à importância de que a escola valorize e incentive o aluno que se destaque por bom desempenho escolar, parece indicar a identificação dos entrevistados com o modelo de “Educação para o Sucesso”, proposto pela atual gestão da Secretaria de Estado da Educação e que se pretende implementar nas escolas estaduais, modelo este que vem favorecer a construção de uma identidade individualista e predominantemente voltada à conquista do próprio sucesso em detrimento ao desenvolvimento de indivíduos interessados nos trabalhos em equipe e nas conquistas que se pode alcançar com a participação de outras pessoas.

Os entrevistados demonstram que determinados conhecimentos que são adquiridos na escola são considerados por eles como sendo de pouca utilidade prática. Referem que esperam que esses conhecimentos possam ter utilidade na vida como um todo e não apenas como forma de ter acesso à faculdade. Esta maneira de entender parece refletir sua crença de que, o que aprendem na escola por meio das diferentes disciplinas não lhe dão garantias de que terão no futuro um resultado financeiro satisfatório. Esta maneira de pensar, demonstrada pelos estudantes, interessa aos governos e ao mercado, porque é um pensamento que favorece o desenvolvimento de sentimentos de insegurança e incerteza dos jovens quanto a continuar investindo sua energia e disposição na vida escolar.

A necessidade dos estudantes de se preparar para o mercado de trabalho, investindo em cursos técnicos preparatórios e fortalecendo cada vez mais sua empregabilidade, conforme o discurso da empregabilidade, torna-se evidente quando os entrevistados apontam que esperam da escola que esta ofereça estes cursos profissionalizantes aos alunos, o que sinaliza também sua captura para tal discurso.

Uma forma de sobreviver em um mundo “movido a dinheiro” foi a resposta da maioria dos entrevistados quanto ao conceito que eles têm de trabalhador. Este conceito reflete sua condição de sujeitos inseridos numa sociedade que está sempre em busca do consumo. No entanto, a valorização do dinheiro como motor para as relações sociais, presente no discurso dos jovens, compartilha espaço com atitudes que se contrapõem com esse discurso. Atitudes de partilhar um pacote de bolachas, um refrigerante, uma guloseima com os colegas, denotam que os estudantes não assumem em todos os momentos essa centralidade do valor do dinheiro que o discurso colonial quer impor.

Ser trabalhador como forma de conquistar independência financeira da família, sugere que o fator motivacional para que os estudantes busquem um emprego é o incômodo em solicitar dos pais ajuda financeira para satisfazer suas necessidades de consumo. Notou-se que a família dos estudantes tende a considerar essas necessidades dos filhos como necessidades voltadas a coisas supérfluas e que não têm urgência de serem satisfeitas, como necessidade de dinheiro para comprar o “décimo” par de sapatos novos do mês, trocar o aparelho celular comprado no ano anterior (e às vezes no mesmo ano), dinheiro para sair com os amigos todos os finais de semana, entre outros.

A análise dos conceitos que os estudantes têm a respeito do que é ser trabalhador, denota sua captura para o discurso da empregabilidade à medida que consideram importante que, aquele que trabalha, deva procurar contribuir para a obtenção de lucro do empregador cumprindo com todos os deveres de trabalhador e demonstrando continuamente, esforço para alcançar cargos mais elevados por meio de investimento em cursos de capacitação, atualização, e toda forma de ensino que venha a potencializar sua força de trabalho e dessa forma promover aumento na produtividade.

De acordo com os entrevistados, a família interfere na sua identidade de trabalhador mediante apoio para que conquistem um emprego e mantenham-se nele. No

entanto, os familiares demonstram conflito em relação a isto pois, ao mesmo tempo que apoiam os estudantes para o ingresso no mercado trabalho também os alertam para que os estudos não sejam negligenciados em função do trabalho. Segundo os estudantes, há um incentivo por parte da família para que submetam-se a cursos profissionalizantes, o que parece ser também uma atitude de incentivo a tornarem-se empregáveis.

Insegurança e medo por parte dos entrevistados são os sentimentos que se evidenciam quando questionados em relação ao trabalho que visualizam para o seu futuro. A razão para isto parece residir no fato de estarem vivenciando um grande conflito: se eles escolhem a profissão com a qual se identificam, mas que acreditam não oferecer retorno financeiro de imediato, eles não se sentem satisfeitos. Se escolhem a profissão que eles gostam, mas que a família não aprova, eles também não se sentem satisfeitos. E se escolhem a profissão que a família diz que certamente lhes trará retorno financeiro, mas é uma profissão com a qual não se identificam, eles também não se sentirão satisfeitos.

Os jovens estão procurando uma satisfação que seja completa, uma escolha em que só terão coisas a ganhar e nada a perder, algo praticamente impossível de se atingir pois, quando realizamos uma escolha isto sugere que estamos optando por algo e deixando alguma outra coisa de lado. Essa segurança que os estudantes procuram é algo fluido, que sempre está a nos escapar.

A atividade profissional deve proporcioná-los prazer ao se trabalhar. Esta foi a resposta dos entrevistados ao questionamento sobre os aspectos que são importantes para eles a fim de que se sintam felizes e realizados no trabalho. Esse prazer no trabalho está ligado à possibilidade de exercer uma profissão com a qual se identifiquem, que seja de seu interesse, como uma saída para o desconforto e sofrimento vivenciado por eles na prática de trabalho que exercem atualmente, já que se tratam de ocupações que exigem destes jovens maior esforço físico/manual em detrimento ao uso de habilidades intelectuais, mas que são atividades profissionais que lhes foram ofertadas pela sociedade de consumo como chance de ingressar no mercado de trabalho.

No entanto, o prazer no trabalho, conforme os estudantes, deve estar necessariamente agregado ao retorno financeiro, indicando que este aspecto parece significar a força motivacional do trabalhador para que seja capaz de trabalhar e atender

às demandas do seu cotidiano de trabalho. Dessa forma, sem reconhecimento financeiro não há motivação para se trabalhar, mesmo que seja uma atividade que interessa a quem trabalha.

De acordo com os entrevistados, quando se trabalha apenas por prazer (interesse na atividade em si) considerando o reconhecimento financeiro algo que pode estar em segundo plano, que pode ser conseguido posteriormente, o trabalhador, sem se dar conta disso, passa a esforçar-se para conquistar o retorno financeiro que deseja. Isto, conforme os estudantes, se dá por meio da busca constante do trabalhador, por cursos de capacitação, especialização, entre outros, os quais possa submeter-se a fim de ampliar seus conhecimentos na área em que trabalha, melhorando cada vez mais seu desempenho e dessa forma se aproximando mais e mais de uma proposta de aumento de salário. Porém, quando se trabalha em uma ocupação cujo retorno financeiro é algo certo de acontecer, independentemente dos cursos que se venha a submeter-se, como os trabalhadores concursados e empregos em que os indivíduos sabem que serão muito bem remunerados, a satisfação do trabalhador parece ser muito maior em relação àqueles que trabalham frente a incerteza do quanto e de quando serão reconhecidos financeiramente por seu trabalho.

Dessa forma, considero que o acesso ao objeto de estudo desta pesquisa: entender os efeitos do discurso da empregabilidade sobre a identidade dos jovens do ensino médio, foi possível. Mediante a análise das respostas dos entrevistados às questões da entrevista semi-estruturada pude constatar que as interferências do referido discurso abrangem as crenças, os valores e a percepção dos jovens acerca de suas vivências na escola e expectativas em relação a ela, os significados em torno da identidade de trabalhador, interferindo também na percepção e valores da família dos estudantes a respeito desta identidade, o que se reflete na percepção e valores dos jovens. Novos estudos devem ser realizados no sentido de ampliar a compreensão em relação a cada um dos aspectos que foram apontados neste estudo como participantes da construção da identidade dos estudantes e que têm relação com o discurso da empregabilidade.

REFERÊNCIAS

- BACKES, J. L. Hall, Bhabha e Bauman: um campo teórico para compreender as negociações das identidades/diferenças culturais. In: BACKES, J.L et al. **Educação e diferenças: desafios para uma escola intercultural**. Campo Grande: UCDB Editora, 2005, p. 21-50.
- BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAUMAN, Z. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2007.
- CANDAU, V. M. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. In: **Revista Currículo sem Fronteiras**. V.11. 2011. p. 240-255.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 4ª edição, 4ª reimpressão, 2008.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**, 23, 36-61, 2003.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: 5ª edição, 1998.
- GILBERT, R.. Cidadania, educação e Pós-Modernidade. In: SILVA, T. T. & MOREIRA, A. F. (orgs.). **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 21-48.

GIROUX, H. A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 85-103.

HALL, S. A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação e Realidade**, 02, 15-46, 1997.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2003.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ROSE, N. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, T. T da. (Org.) **Liberdades reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTOS, L.H.S. “Um preto mais clarinho...” ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. Porto Alegre: **Educação & Realidade**, 22(2), p. 81-115, 1997.

SILVEIRA, R. M. H. Olha quem está falando agora! A escuta das vozes na educação. In: COSTA, M. V. **Caminhos Investigativos I – novos olhares na pesquisa em educação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 61-82.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, M. V. **Caminhos Investigativos II – outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 117-138.

SKLIAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-137.

SKLIAR, C. A educação que se pergunta pelos outros: e se o outro não estivesse aqui? In: LOPES, Alice Casimiro, MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Currículos: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 196-215.

SKILAR, C. Sobre a espacialidade do outro e da mesmidade – notas para uma deslocalização (permanente) da alteridade. In. SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.. 97-120.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A
Questionário Informativo

- Dados de identificação

1. Idade: _____ anos _____ meses.
2. escolaridade: () 1º ano () 2º ano () 3º ano do Ensino Médio.
3. Naturalidade: Cidade: _____ U. F.: _____
4. Estado Civil: () solteiro(a) () casado(a) () Qual? _____
5. Sexo: () masculino () feminino () _____
6. Religião: () católico(a) () protestante () budista () Muçulmano(a)
() outras: Qual? _____

- Dados sócio-econômicos

1. Renda Mensal Individual: () entre 1 e 2 Salários Mínimos.
() entre 2 e 3 Salários Mínimos.
() entre 3 e 4 Salários Mínimos.
() acima de 5 Salários Mínimos.

-
2. Renda Mensal Familiar: () entre 2 e 4 Salários Mínimos.
() entre 4 e 6 Salários Mínimos.
() entre 6 e 8 Salários Mínimos.
() acima de 9 Salários Mínimos.

3. Quantas pessoas vivem da renda mensal total?:
() 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10
4. Você tem filhos? () sim () não Quantos? () 1 () 2 () 3
5. Quantas e quem são as pessoas que moram com você?
-

APÊNDICE B

Entrevista Semi-Estruturada

1. Como a escola prepara você para o mundo do trabalho?
2. O que você espera da escola?
3. O que é ser trabalhador para você?
4. Como a sua família interfere na sua identidade de trabalhador?
5. Em qual trabalho você visualiza o seu futuro?
6. Como seria um trabalho em que você se sentiria realizado e feliz?

APÊNDICE C

Carta para esclarecimento e obtenção do consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) Senhor(a):

Eu, CARLOS ALFREDO PETTENGILL, professor da rede pública e aluno do programa de mestrado em Educação, portador do CPF 489.885.961-53, RG 609.570/SSPMS, pesquisador na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), situada na Avenida Tamandaré nº 6000, na cidade de Campo Grande, cujo telefone de contato é (67) 3312-3605, estou desenvolvendo uma pesquisa cujo título é "O Discurso da empregabilidade e seus efeitos sobre a identidade dos jovens do Ensino Médio".

O objetivo deste estudo é conhecer os efeitos do discurso da empregabilidade sobre a identidade dos jovens do ensino médio por meio de entrevistas. A sua participação proporcionará um melhor conhecimento de como o discurso da empregabilidade atua na construção da identidade dos jovens do ensino médio.

A sua participação é totalmente voluntária e não implicará em nenhum risco. Esclareço que as entrevistas serão realizadas individualmente e gravadas digitalmente com a sua permissão.

Informo que o(a) Sr(a) tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCDB, telefone: 3312-3800; e-mail: cep@ucdb.br

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo. O(a) Sr(a) tem direito a se manter atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa e caso seja solicitado, darei todas as informações necessárias.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, sendo sua participação totalmente voluntária.

Informo que os seus dados de identificação, assim como de seus familiares, serão mantidos em sigilo, com acesso somente pelas pesquisadoras deste projeto.

Comprometo-me a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos e em congressos e encontros científicos.

Em anexo está o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO para ser assinado, caso não tenha restado qualquer dúvida.

Carlos Alfredo Pettengill

Professor/pesquisador (fone: 3029-6487)

e-mail: carlospettengill@ig.com.br

Prof. Dr. Neimar Machado de Sousa

Professor/Orientador

e-mail: professor_neimar@hotmail.com

APÊNDICE D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro consentir em participar como voluntário da pesquisa intitulada “O Discurso da empregabilidade e seus efeitos sobre a identidade dos jovens do ensino médio”, que tem por objetivo conhecer os efeitos do discurso da empregabilidade sobre a identidade dos jovens do ensino médio. Concordo em conceder entrevistas, permitindo que sejam gravadas digitalmente e posteriormente transcritas, com a finalidade de estudo científico.

Ao participar deste estudo fui esclarecido (a) e estou ciente que:

- a) caso não me sinta à vontade para responder qualquer questão, posso deixar de respondê-la, sem que isto implique em prejuízo;
- b) as informações que fornecerei serão acessíveis somente aos pesquisadores envolvidos e que os resultados serão divulgados em publicações científicas, sendo mantidos em sigilo os meus dados de identificação;
- c) minha participação é inteiramente voluntária, e não fui objeto de nenhum tipo de pressão;
- d) tenho liberdade para desistir de participar, em qualquer momento, do processo de pesquisa;
- e) caso precise entrar em contato com a pesquisadora, estou ciente de que posso fazê-lo através do e-mail abaixo.

Campo Grande, _____ de _____ de 2011.

Assinatura do responsável pelo
participante da Pesquisa

Doc. Identidade _____

Carlos Alfredo Pettengill

Professor/pesquisador

e-mail: carlospettengill@ig.com.br

Prof. Dr. Neimar Machado de Sousa

Professor/Orientador

e-mail: professor_neimar@hotmail.com

APÊNDICE E

Carta ao diretor da escola:

Campo Grande-MS, 27 de agosto de 2011.

Senhor Diretor

CARLOS ALFREDO PETTENGILL, professor e mestrando do programa de mestrado da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, situada na Av. Tamandaré, 6.000, nesta capital, fone 3312-3705, portadora do CPF489.885.961-53, e e-mail: carlospettengill@ig.com.br telefone 3029-6487, está desenvolvendo uma pesquisa cujo título é “O DISCURSO DA EMPREGABILIDADE E SEUS EFEITOS SOBRE A IDENTIDADE DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO”, sob orientação do prof. Dr. Neimar Machado de Sousa (UCDB).

O objetivo da pesquisa é conhecer os efeitos do discurso da empregabilidade na identidade dos jovens do ensino médio.

Para tanto, necessita da autorização de V.Sa., para realizar entrevistas com os estudantes que concordarem em participar deste estudo.

A clientela deverá ser escolhida aleatoriamente, sendo necessária a participação de quinze estudantes para entrevistas e 40 para grupo focal. Os resultados serão veiculados por meio de artigos, congressos e demais eventos científicos, bem como à Instituição caso seja de seu interesse.

Por oportuno, ressalta o requerente, tratar-se de entrevistas cujas informações serão acessíveis aos pesquisadores envolvidos, sendo mantidos em sigilo os dados de identificação.

A participação é gratuita e não deverá interferir nas atividades escolares dos estudantes.

Atenciosamente.

Carlos Alfredo Pettengill

APÊNDICE F

GRUPO NOTURNO - DIA 08 DE DEZEMBRO DE 2011

Como a escola prepara você para o mundo do trabalho?

Menina 1 - Eu acredito que no seminário que eles fazem aqui, na hora em que a gente tem que falar, sabe, na frente de todo mundo, pra gente perder um pouco de vergonha, eu acho que ...

Menino - O esforço, o esforço que a gente faz , por exemplo, pra ter resultado no enem, essas coisas, pode te ajudar num emprego também,

O que vocês esperam da escola?

Menina 2 – Eu acho que deveria melhorar, porque do jeito que tá, tem algumas coisas que não é certa.

Menino – algumas coisas tá certo, outras não.

Menina 1 – Eu acho que as aulas deveriam ser mais dinâmicas, chamar um pouco mais de atenção, porque tem professores que assim, tem professores que são bem dinâmicos, explicam assim, você entende super bem, e tal, tipo, você pega, agora tem professores que ficam só naquela de falar, falar, falar, falar, não deixa o aluno participar, isso atrapalha muito,

Menino - você entra na sala ele fica falando sozinho

Menina 1 - Você entra na sala e fica só ouvindo o professor falar, aí você dorme, né.
(risos) Ah, Ah, ah.

Menino – Ela nem olha pra trás pra ver se tem alguém prestando atenção.

Pesquisador – Se ela nem olha pra trás pra explicar, ela sabe o nome de vocês?

Menino – não.

Menina 1 – momentaneamente, não.

Menina 2 – Se a gente fizer alguma coisa assim, ela vai saber.

Pesquisador – o que que é essa alguma coisa, seria o quê?

Menina 1 – Bagunça. Risos.

Menina 2 – Se ela chamar a nossa atenção. Risos.

Menina 1 – Chamar a atenção aí ela sabe.

Pesquisador – quando não está em silêncio, quietinho, aí não está bom.

Menina 1 – Depende do professor.

Menina 1 – porque assim, tem professor que chega ali e explica assim, ele tá explicando pra quem não tá prestando atenção, ou tá nem aí, se tá uma maior bagunça, porque ele já tá cansado de ficar chamando a atenção, atenção, que ele chega uma hora que ele pega e fala: Ah! Quem tá interessado que aprenda.

Menina 2 – Tem muito professor que faz isso.

Menina 1 – É.

Menina 1 – Explicou pra quem quer prestar atenção.

Menina 1 – Aí tem outra que tipo, ela chega, ela quer silêncio, todo mundo tá em silêncio, só que ela só fala, só fala, só fala, tipo assim, você acaba não entendendo nada da matéria, porque você não participa.

Menina 2 – Porque se você falar...

Menino – Porque ela fala que nem professor de faculdade, certo, ela vai, usando palavras difíceis, não fala assim direto.

Menina 2 – Ela confunde a cabeça. E assim acho, igual tem um professor nosso que ele é bem dinâmico, sabe, assim, ele entra, conversa, vai discute, eu acho legal isso. Eu acho legal você ter dinâmica na aula sabe, pegar algumas matérias assim...

Pesquisador – Então essa dinâmica pra vocês seria o professor interagir com vocês?

Menina 2 – Também,

Pesquisador – O que mais?

Menina 1 – Poder pegar a matéria, tipo não só interagir com a gente, mas ele poder pegar a matéria e tipo mostrar pra gente uma forma diferente.

Pesquisador – o que seria essa forma diferente?

Menino – Quantas matérias que tem e só um professor dá atividade experimental,

Menina 1 – É!

Menino - entendeu, ele podia dar mais experimental, que a gente vai entender mais na ação,

Menina 1 – Mais na prática do que na teoria.

Pesquisador – Matérias experimentais, exemplo?

Menina 1 – Física. risos

O professor de física ele usou muito esse ano, ele usou a gente fazer tirinhas, né, com o conteúdo e, atividade experimental, e, atividade experimental, tipo, é na prática, a matéria, tudo o que ele acaba falando ele acaba mostrando na atividade experimental era um jeito da gente entender. Era bem mais fácil.

Menino – A gente via acontecendo, porque ele fala assim, ah! imagina tal coisa, cada um imaginar de um jeito ninguém vai imaginar igual,

Menina 2 – Ele trazia, tipo trazias as coisas pra gente fazer,

Menina 1 – ele mostrou bastante coisa pra gente fazer, super legal, assim esse ano, de física. O ano passado também, o professor do ano passado também ele mostrou muito ele pediu pra gente fazer várias coisas, questões de que a gente estudou ente e tal aí ele mandou a gente fazer várias coisas na prática mesmo, é, com experimentos, né, pra gente poder ver como é que é não ficar só naquela do papel da teoria de ah! Você sabe é bem mais prático é uma forma de aprender melhor.

Pesquisador – Então vocês disseram o que esperam da escola. Muito bem! O que é ser trabalhador pra vocês? O que que é uma pessoa que trabalha? O que que é uma pessoa

ter um emprego? O que que é a pessoa hoje estar empregada? Como é que vocês veem a questão do trabalho?

Menina 1 – Uma forma de conquistar as suas coisas, de conquistar um

Menina 2- Uma pessoa determinada, né?

Menino – Por um lado é porque você precisa, o outro é porque também você gosta do que tá fazendo. Depende também.

Menina 2 – tem gente que faz as coisas por...

Menina 1 – Porque precisa.

Menino – Tem gente que faz pra receber, e tem gente que faz pra receber e porque gosta

Menina 1 – E porque gosta!

Menina 1 – e também assim tem a pessoa que ela luta não só pela questão do seu trabalho pra ganhar seu dinheiro, tal, por sua dignidade Ah, tipo,...

Menino – Não depender

Menina 1 – É! Tem muita gente que não gosta de ser dependente de outras pessoas sabe, quer pra sua independência, por mais que seja ela pequena igual a gente assim, a gente depende dos pais ainda, mas tipo, por mais que seja, pequena a nossa independência a gente tem o nosso salário pra ir lá e comprar uma bala sem pedir pro pai.

Pesquisador – então tem uma diferença da pessoa fazer o que gosta e da pessoa fazer o que ela precisa?

Menino – Um trabalha por que precisa e outro trabalha mesmo porque não gosta de trabalhar

Menina 1- E! Ela trabalha infeliz.

Menina 2- isso é muito sério, porque trabalhar onde você não quer só te dá dor de cabeça, e você só tem que lutar

Menina 1- É só pra ser infeliz depois, estressar.

Pesquisador – E onde vocês trabalham? Como é que vocês vem as pessoas que trabalham lá com vocês?

Menina 2 – Muita gente não gosta.

Menino - Muita gente onde eu trabalho elas gostam.

Menina 2 – Na minha empresa tem muita gente que não gosta de tá lá mas tá lá porque tá lá precisando.

Pesquisador – Onde é você poderia falar?

Menina 2 – (ficou em silêncio, não quis falar).

Menina 1 – Tipo, no meu trabalho é assim, tipo, a gente, acontece problema pra nós o tempo todo, que é com telefonia, é problema em cima de problema, é muito difícil um cliente chegar e tratar super-bem, aí assim, sou eu e mais uma menina lá, pra atende cliente e três pra cadastrar pra pedido, daí então como pedido, lá em cima no pedido, é, assim, digamos entre haspas, é tranquilo, mas, tipo, lá o povo não se assim, questão de socialmente assim, dentro da empresa todo mundo de boa, é bem legal trabalhar lá,

Pesquisador - Então onde trabalha tem diferença de um setor para o outro?

Menina 1 – Tem

Pesquisador – então um setor que

Menina 1 – Tem uns que é mais estresse, outro que (risos) é um pouco mais calmo.

Menina 2- Lá onde eu trabalho, muita gente mesmo, fica assim estressada, não gosta do que faz,

Menina 1- Tem dia mesmo que você se estressa, que acaba sendo tanto problema, assim, porque tem cliente que é muito mal educado, como a gente lida só com empresa, só porque o cliente é dono de uma empresa ele acha que é o todo-poderoso, aí ele já sabe, eu acho que de boa, todo mundo lá é super de boa, também. Você não vê assim a pessoa...

Menina 2 – inaudível - Todo mundo conversa, lá, sobre, assim de não gosta do que faz,
,

Menina 1 – Lá é tudo de boa.

Pesquisador – Então uma coisa é a pessoa gostar. E a remuneração? Vocês acham que ela atende assim a questão do consumo?

Menina 1- Pra mim sim. Aonde eu trabalhava (risos) eu ganhava a metade do que eu ganho hoje, onde eu trabalhava, assim eu trabalhava três dias na semana, nos outros três dias eu fazia curso no SENAC, aí hoje, tipo, o que eu ganho é super bem, ajudo a minha mãe e ainda sobra assim.

Pesquisador – Então quer dizer que você fez uma qualificação pra conseguir um melhor

Menina 1 – Eu trabalhei um ano numa empresa fazendo curso e trabalhando, ao mesmo tempo, três dias na semana, e três dia na semana trabalhava, e ganhava assim...

Pesquisador – metade do que você ganha hoje.

Menina 1 – Aí hoje agora eu só trabalho como estagiária, só que assim, período integral, manhã e à tarde. Aí como o salário de estagiária é 450, 00 ela deu uma remuneração a mais pra gente poder trabalhar o dia inteiro com ela. Por que é bem melhor pra ela e agente que é menor de idade aprende bastante coisa, porque o trabalho que a gente tem lá a gente trabalha com (uma operadora de telefonia móvel) e aí você aprende bastante coisa, direto tem treinamento, eu acho bem legal.

Pesquisador – você que falar mais alguma coisa.

- Como que sua família interfere na sua identidade de trabalhador?

Pergunta 4 : Como a sua família interfere na sua identidade trabalhadora? vocês sentem que há algum tipo de interferência por parte dos pais ou responsáveis em relação a sua vida de trabalho? Tanto para você começar a trabalhar, eles queriam que você já começasse ou eles fizeram resistência pra vocês trabalharem? vocês tiveram apoio?

Resposta de todos: Sim tivemos apoio

Aluno1 – É assim muito trabalho é contrato, por que eu sou menor, então tem contrato de 1 ano , ai depois se você for bem no desempenho eles te contratam permanentemente, ai as vezes eles me dão dicas, aconselham, pra causar uma boa impressão.

Aluno2 – Já a minha mãe quando eu disse pra ela que eu queria começar a trabalhar ela disse: “filha você não acha muito cedo” eu comecei com 15 anos “não mãe” ai ela me apoiou, eu e as minhas irmãs agente começou a trabalhar muito cedo a mais velha começou com 16 anos.

Aluno3 – Foi normal, todo mundo queria eu queria dai eu falei pra minha mãe e ela também achou bom.

Pergunta – mais com quantos anos você começou?

Aluno2: comecei com 17 anos e todos me apoiaram.

Aluno2: eu comecei com 15.

Pergunta – Mais você quis?

Aluno2: Eu quis mais meus pais não queriam, por que achavam que eu era muito nova e tinha que terminar os estudos primeiro, e até hoje minha mãe fala isso, e que em determinado momento do ensino médio eu vou começar a trabalhar, começar ano que vem só, por que hoje não adianta mais , é uma coisa que eu quero e não dependo dele .

Pergunta – Então o trabalho você achou que te deu autonomia?

Aluno2 : com certeza.

Pergunta – No meio financeiro? e assim você que começou a trabalhar hoje você melhorou a sua renda? Você melhorou o seu trabalho? Como foi?

Aluno2: Sim, porque tudo eu tinha que depender do meu pai, eu ainda moro com ele, então tudo eu dependia dele, se quisesse fazer qualquer coisa tinha que pedir dinheiro dele, mas hoje não agora eu aviso o que eu vou fazer quando eu vou fazer pra ele, mas não preciso pedir pra ele nada.

Pergunta – E ai como vocês veem isso trabalhar antes da hora ?com que é ?tem que saber lidar?

Aluno1: Sim tem que saber lidar. Você sente um cansaço que nunca sentiu antes, na escola você ficava cansado mas chegava em casa e dormia a tarde , pra você trabalhar você é obrigado a ficar com o cansaço .

Aluno2: Mas com o tempo você sabendo conciliar fica melhor, você acostuma porque é uma coisa de todo dia você já tá na rotina, esquece o que você fazia, você sabe que vai acordar cedo e vai dormir tarde .

Pergunta – Como assim já esqueceu o que fazia antes de trabalhar?

Aluno 1: Antes quando não trabalhava ficava em casa, conversava, ficava na internet, essas coisas, agora você trabalha tá tão fixado no que tá fazendo, você já esquece o que fazia antes. De vez em quando vez aquela lembrança.

Aluno2: Eu acho bom pois a sua atenção aumenta muito, tem horas que você faz “10 coisas ao mesmo tempo” .

Pergunta – E você consegue conciliar?

Aluno 2 : Eu consigo , mas tem uma menina no meu setor que ela tem dificuldade mas eu consigo, por que onde eu trabalhava também tinha um pouco disso aí você tinha que focar numa coisa, agora eu faço isso.

Pergunta – Então quer dizer que nessa atividade de vocês, vocês sentem que a família dá apoio?

Alunos: Sim.

Pergunta – Mais ao mesmo tempo sentem que perderam alguma coisa no meio desse percurso ?

Alunos :Sim.

Aluno 1: É fica com o pé atrás com medo do desempenho na escola, se depender do desempenho ter que parar.

Pergunta – Então a família acompanha o rendimento na escola? Se cair o rendimento cogita em sair do trabalho?

Alunos: Sim.

Aluno 3: É as pessoas perguntam “como tá na escola” .

Aluno 1: É só perguntam , mais agora querer prova, querer que eu prove que eu tirei tal nota não.

Aluno 3: A minha mãe ano passado ficou brava, ela falava que não era pra continua tirando nota baixa, ai esse ano eu fiquei seis meses desempregada e tava tirando nota baixa na escola, ai ela pego e falo que era pra eu voltar a trabalhar, justamente por causa disso.

Pergunta – Então quer dizer que você ficou um tempo sem o trabalho (6 meses) e acabou te prejudicando?

Aluno3: não porque eu comecei eu não misturava direito ai ela ficou de cara e falou não agora” você vai voltar a trabalhar, porque você não tava dando valor só estudando agora você vai volta a trabalhar “ ai eu voltei de boa.

Pergunta – Ou seja você chegou a tal ponto de estar acostumada de trabalhar e estudar que quando faltou trabalho você também desanimou?

Aluno 3 : Sim.

Pergunta – Mas você consegue identificar o que te desanimou ?

Aluno3: A falta de dinheiro (risos), principal , exemplo você quer roupa, calcado, ai tem que pedir pra mãe, e a minha mãe paga aluguel e sustenta eu e a minha irmã ai não tem como ela me dar um monte de coisa, por causa das despesas que ela já tem, e fica até meio chato pedir as coisas pra ela.

A outra pergunta seria assim – Em qual trabalho você visualiza o seu futuro?

Aluno3 – o que você gosta.

Professor - É por que eu penso assim vocês não vão ficar trabalhando dessa forma, nesse emprego o resto da sua vida, vocês tão estudando, se preparando por que vocês tem uma ideia de um emprego lá adiante. É isso? Procede isso?

Alunos: sim com certeza

Professor – então é, uma pergunta vocês esperam também após terminarem ensino médio que vocês estão concluindo, ir para um nível superior?

Alunos – Sim

Professor – Pensa em faculdade?

Alunos – Sim

Professor – Já escolheram o curso ou ainda estão esperando?

Aluno2 – eu tava em dúvida mas eu acho que já escolhi.

Aluno 1- eu já.

Professor – qual?

Aluno2 – Publicidade e propaganda.

Pergunta - E você ?

Aluno3 – Odontologia.

Aluno1- Eu vô fazer um transportamento.

Professor – pra virar piloto?

Aluno3 – mas se eu não passar (odonto) vo fazer concurso pra marinha.

Professor – Também vai fazer para marinha. Ta é interessante você quer piloto e você para marinha e ela publicidade.

Pergunta – então vocês tem essa visualização do futuro, e ai esses trabalhos que vocês pensam pro futuro vão dar garantia de renda para atender o consumo que vocês esperam lá na frente?

Alunos – Eu acredito que sim, totalmente, sem dúvidas.

Aluno2 – sim eu pretendo montar um escritório de uma agência publicitária.

Pergunta – o que seria um bom salário de uma pessoa formada, para vocês?

Aluno2 – ah não sei. Uma boa pergunta. um que de pra manter minha casa.

Aluno1 – Proporcional ao que você trabalha direito naquela média.

Pergunta – Que média?

Aluno 1 – ah por exemplo,

Aluno2 – Depende do emprego, da profissão.

Aluno1 – exemplo, se você for médico ai exemplo se a média for R\$ 15.000,00 ou R\$16.000,00 você vai se completa nessa média entendeu? agora se for ganhar menos você não vai gostar, você sabe que tem gente que da mesma, do mesmo nível que você às vezes você pode ser melhor que a pessoa só que você fica em baixo.

Aluno2 – é claro que agente tem ambição né, que agente sempre quer mais.

Aluno1 – quanto mais você tem mais você quer.

Pergunta professor – Vocês querem um trabalho nessa área que te de uma renda, que seja da média da renda dos trabalhadores dessas áreas?

Aluno1 – É, proporcional ao que você se qualificou.

Professor – proporcional ao que você se qualificou?

Aluno1 – É porque não vai adianta nada você entrar na faculdade se desempenhar, ter sabedoria e não ter resultado.

Aluno2 – Só que depende muito do desempenho de cada um. Porque tem uns que se desempenham, que tem um desempenho maior que os outros.

Pergunta – E porque que uns tem desempenho melhor que outros?

Aluno2 – porque tem mais dedicação.

Pergunta – você acha que só a dedicação?

Aluno2 – Eu acredito que sim.

Aluno1 – Tem gente que só trabalha por fazer, fazem só pra falar que tem alguma coisa, agora outros não fazem porque gostam, e precisam daquilo.

Pergunta – então gosta, precisa, ele tem mais mérito do que quem faz só porque precisa?

Aluno1 – É, pra mostra pro pai e pra mãe que se formou.

Aluno2 – tem gente que faz a faculdade que o pai quer, assim que a mãe tipo meio que obriga entendeu, “ai você tem que fazer isso”.

Aluno1 – Você tem que fazer o que você gosta.

Aluno3 – Não eu tenho, tenho na família um primo que fez educação física hoje ele é mecânico mas não tem nada a ver uma coisa com a outra, porque ele fez educação física e trabalha como mecânico.

Aluno2 – o meu padrinho não fez faculdade e tá super bem como mecânico, só cuida de tratores.

Aluno3 – não assim ele também ganha super bem, só que assim fez uma faculdade que ele não usou pra nada.

Aluno2 - então só que tipo depende muito. Eu conheço muita gente, e também tenho um primo meu que ele parou assim, acho que ele parou no 1º ano, ele trabalha numa mecânica, e ganha super bem também, tipo assim depende muito da pessoa sabe.

Aluno3- Ele fez pela minha tia.

Aluno2 – não o que ele gostava, porque podia ter feito uma engenharia mecânica muito melhor.

Aluno1 – ou seja ele fez pra agradar a mãe e o pai, não fez pelo que ele gostava de fazer, pelo que ele se interessou assim.

Aluno3 – é ele tentou assim querer se inscrever pra da aula, mas falo ah não, não é comigo não vo fica com meus carros.

Pergunta – então quer dizer que acontece mudanças nessa perspectiva de futuro?

Aluno 3 – tem muita gente fazendo faculdade e tá lá fazendo faculdade de um jeito daí ele no 2º semestre muda e vai pra outra coisa.

Aluno2 – desiste e vai pra outra, conheço muita gente assim.

Aluno1 – uma coisa que não tem nada a ver, dá até pra perceber que ele tá naquilo porque quer agradar alguém e não porque ele quis.

Aluno2 – teve uma menina que tava trabalhando comigo, que ela começou a fazer enfermagem, e ela fez 1 mês e desistiu e agora tá fazendo estética. E viu que tipo ela gosta de estética.

Pergunta – e ela tá bem?!

Aluno 3 – meu amigo já mudou 3 vezes e já fez direito, ai começou direito e não quis mais, ai foi pra fisioterapia, não quis mais e agora ele ainda tá decidindo o que, que ele quer.

Aluno2 – eu tava assim até esses dias ainda, ou ainda nem sei se eu vou fazer publicidade e propaganda, tem um monte de curso que eu quero fazer ainda.

Pergunta – Que cursos você quer fazer ?

Aluno2 – pensei em fazer artes cênicas, biologia, publicidade e propaganda e vixe já pensei em fazer de tudo.

Aluno1 – eu também já pensei de ser médico a biólogo, de tudo.

Aluno2 – letras, é matemática, ciências contábeis, tudo que você imaginar eu já pensei em fazer.

Pergunta – então nessa amplitude que vocês veem, é as escolhas são feitas por conta do que vocês gostam ou do que vocês acham que vai dar uma melhor condição?

Aluno2 – eu quero do que eu gosto.

Aluno1 – eu também quero do que eu gosto.

Aluno2 – porque eu quero trabalhar satisfeita, não trabalhar e ficar reclamando tipo”ai eu to nesse serviço aqui”ah . por mais que eu ganhe pouco assim, mas tipo todo dia eu vá trabalhar assim “nossa que legal to indo lá oh trabalhar” entendeu.

Aluno1 – às vezes você até esquece que você tenta meio que convence o que você ta fazendo, por exemplo, se não tem a preocupação ah será que meu trabalho foi bem esse mês , coisa e tal.

Aluno2 – e você faz bem né porque você gosta.

Pergunta - e vocês imaginam que esse trabalho vai ser a vida toda numa única empresa?

Alunos – não.

Aluno1 – pode cair subir, um dia após o outro né, ninguém sabe o dia de amanhã.

Professor – nossa olha muito bom, gostei de ver vocês falando.

Pergunta – então seria um trabalho que você se sentiria realizado e feliz?

Aluno3 – ah no meu consultório.

Aluno2 – então eu penso em abrir uma agencia de publicidade e propaganda né.

Professor – fala mais.

Aluno2 – assim tipo igual eu trabalho com empresas, ai eu já viajei na batatinha lá em casa, eu decidi agora assim o que eu vo faze, igual eu me acho muito criativa sabe e eu tenho meu jeito assim de me estressar, ai tipo uma coisa que eu vi no meu curso q eu fazia no SENAC tipo a professora mandou agente criar uma propaganda faze tudo sabe da propaganda , ai a expressão era escrito e tipo meu grupo ele teve um desempenho bom sabe,e eu achei isso legal porque a nossa criatividade foi muito legal, foi muito além do que agente imaginava.

Aluno2 – ai tipo eu fiquei pensando muito nisso, faz muito tempo que eu fico pensando muito nisso, e eu acho que publicidade e propaganda eu acho que seria melhor pra mim porque sei lá eu sou comunicativa até o extremo né que eu falo pra caramba, e tipo seria uma coisa que eu gosto porque eu gosto inventa as coisas e criar sabe, pega uma coisa ali assim daquele jeito e vê ela lá na frente e seria o caso que eu queria na minha agencia , tipo pega empresas, vê o perfil da empresa e criar uma propaganda, vê também tipo igual a minha Irmã ela fez arquitetura ai eu já imaginei também da gente cria um diferencial na nossa agencia de pega o, como ela faz arquitetura e tipo assim muda meio que coloca a empresa com a cara do que ela faz entendeu agente perdeu a pretensão assim.

Professor – interessante você tá expondo aquilo que você conseguiu identificar num curso de qualificação naquilo que você acha que ta de acordo com o que o mercado ta pedindo e o que você tem também de habilidade. Você falou do consultório e parou pra pensar que consultório seria esse?

Aluno3 – ah com certeza eu ia ter pelo menos na minha sala uma parede rosa porque eu adoro rosa.

Aluno 2 – Consultório do que?

Aluno3 – odontológico, ia ser dentista, eu queria um consultório grande fino, com uma equipe maravilhosa, meus funcionários trabalhassem por prazer não por obrigação, porque eu não gosto disso eu sei que eu não gostaria de trabalhar por obrigação, então acho que faria de tudo pra eles trabalharem contente, fazendo dando o melhor deles pela minha empresa e por eles mesmos.

Pergunta – e você o que seria uma trabalho que te deixaria realizado e feliz?você falou da aviação né?

Aluno 1 – eu quero a área da aviação, me considere com uma presença conceituada e que eu sei que por exemplo tudo o que eu precisar a empresa vai tá ao meu dispor, entendeu eu ia te uma carreira entendeu , ai fala ah esse ai é só mais um piloto que vai vim gente e vai despejar, entendeu vai contratar por um tempo dai depois de um tempo a gente joga ele em outro lugar entendeu , muda ele de cargo, nível essas coisas, não eu tenho uma carreira e ser bem destacado entendeu.

Aluno3 – ser bem conhecido, ser “o piloto” (risos).

Aluno1 – é ter experiência, sabedoria.

Professor- legal gente, obrigado tá.

APÊNDICE G

GRUPO MATUTINO – 14 DE DEZEMBRO DE 2011.

1ª pergunta – Como a escola prepara você para o mundo de trabalho? Então o que vocês identificam na escola que vocês estudam aqui, contribui para a atividade de trabalho?

Aluno1 – Eu acho que é disciplina, que a escola exige, tipo é em questão, usar o uniforme, horário de chegada, se chegar um certo período atrasado já não entra mais, eu acho que é isso, que assim não adianta nada você começa a trabalhar e chegar atrasado no seu serviço, chegar atrasado.

Aluno2 – pra mim também é disciplina, mas tipo matemática serve pra quem quer ser engenheiro coisas relacionadas com matemáticas, português também pra quem tipo quer ser jornalista, agora no caso de outras matérias assim tem matérias que eu acho totalmente inúteis, tipo história eu não gosto de história eu falo porque sei lá, agente já ta vivendo o presente já tem que pensar no futuro pra que estudar o passado?, mais o professor fala que é pra gente saber como que se formou o presente hoje, mais história eu acho totalmente inútil, pra mim o importante é só português e matemática.

Aluno3 – é eu concordo em questão de disciplina, e também as regras né, porque onde você vai trabalhar tem regras nada é feito do jeito que você quer se não vira baderna, é baderna né?, e as disciplinas é em questão de para se formar nas profissões né, é dentista, engenheiro, advogado, tudo isso então agente acha que estuda realmente matemática, português agente aprende a falar melhor, se comunicar com as pessoas, acho que é isso.

Aluno4 – é responsabilidade, regras exatamente isso, o uso de certas coisas que pode não pode, as disciplinas e também as matérias pra se aprender a falar bem corretamente isso tudo acho que envolve.

Pergunta – O que, que você espera da escola? Tem alguma coisa que você pensa, você observa que a escola poderia contribuir para sua formação? Então o que, que você espera, o que você deseja que a escola possa contribuir para sua formação?

Aluno1 – ah tem várias coisas, eu acho que a maioria assim é vem dos professores, o interesse de cada professor com aluno, tem professor que as vezes chega na sala não ta nem ai, passa enche o quadro de matéria e não explica, digamos assim é também tem questão assim de aluno que mata

aula e tipo não acontece nada com ele, eu acho que as punições pra quem desobedece as regras, as normas da escola deveriam ser maiores assim, e os professores vê que tem um aluno interessado em algum tipo porque nem todo mundo gosta de todas as matérias, por exemplo eu sou fascinada por biologia adoro matéria de biologia, então eu sempre procuro buscar mais, eu acho assim se um professor vê que um aluno gosta, existe um aluno diferenciado numa sala que gosta mais da matéria dele tenta tipo estimular o interesse do aluno por aquela matéria e quem sabe tipo no futuro ele vai pode ta se formando naquela área onde ele ta mais interessado numa matéria da escola.

Aluno2 – eu espero que esse conhecimento que eu to adquirindo na escola agora seja valido pra quando você, não só pra pode te o ensino médio completo pra pode entra na faculdade, mais que o conhecimento possa ser utilizado ser útil na minha vida, é isso q eu espero.

Aluno3 – bom primeiramente eu acho que tem algumas coisas que a escola não faz pra contribuir né, que é como ela disse vê aluno fazendo coisa errada e não faz vista grossa, que nem alunos fumando no corredor, usando droga, né? Tem gente que não ta nem ai, ta no banheiro ta usando, fala ah não é problema meu, e realmente é problema dele sim, é problema de todo mundo na realidade.

Aluno 1 – tipo quer cobrar alguma coisa da gente e não fica tão preocupado quanto essas coisas assim, que tem gente q fala assim: ah se vai estudar de noite na escola, nossa se vai vê velho e gente se drogando, gente que achando que escola é motel isso o que, mais de manha já peguei gente usando droga dentro do banheiro feminino, de tarde a mesma coisa, então acho que não tem esse negocio de ah um horário é pior que o outro, não é o horário que faz a escola acho são as pessoas que tão na escola que vão faze o que tem que se, tipo ano que vem pode estudar mais pessoas de idade na escola e de manhã pode estudar mais pessoas novas.

Aluno2 – eu já estudei com pessoas no período da noite em outra cidade acima de 30 anos e pra mim foi melhor do que estudar com pessoas da minha idade, porque essas pessoas me ajudavam, é as vezes eu precisava de alguma coisa ia conversa comigo, ou de alguma matéria que eu tava com dificuldade e ela um pouco mais avançada, é um querendo ajudar o outro, não é aquela coisa de adolescente, menininha que se acha um grupinho , entendeu é meninos tudo playboysinho eu sou o cara que isso que aquilo, então acho que a noite não tem isso, e já no período da manhã da tarde já tem uma discriminação isso mesmo.

Aluno1 – esse bullying que acontece se junta muito jovem assim é mais obvio do bullying acontece com um grupo maior de jovens do que ta um jovem lá sentado estudando como ela já estudou com pessoas mais velhas, eu acho que a partir da pessoa que é mais velha ela adquire mais experiência ela vai conseguindo é vê assim as coisas de uma outra maneira do que agente que é jovem, todo mundo acha que todo jovem já sofreu bullying e já fez bullying então.

Professor – e ele que, que ele pensa que a escola poderia oferecer?

Aluno3 – o que ela poderia oferecer? Eu acho que cursos preparatórios mais preparação pro futuro não só do presente assim mais cursos, mais regras.

Pergunta – cursos de que tipo assim?

Aluno3 – ah preparatórios pra quem quer exercitar o cargo num trabalho, tipo cursos profissionalizantes.

Pergunta – você teria alguma exemplo de curso que você gostaria? O que que você gostaria de aprender que a escola não ensina?

Aluno3 – ah, não sei.

Aluno2 – é perdão, só um exemplo tem pessoas que não tem condições de pagar cursos de informática, que hoje agente precisa muito praticamente em qualquer área, eu acho que a escola sim poderia oferecer alguma coisa do tipo né, um curso de informática nem que seja do básico mesmo não precisa ser do básico ao avançado, nem que seja o mais básico, porque tem pessoas que são mais carentes que não tem condições, entendeu e é bom pra poder tá melhorando no futuro eu acho.

Aluno1 – que nem aquela lei que todas as escolas deviam ter é aula de música, de instrumento essas coisas, eu acho assim que se mais jovens fizessem, exigíssemos mais os nossos direitos, eu acho que tudo na escola poderia ser melhor, porque tem muita lei ai que já tem que ta em vigor e tá parada e agente não ta nem ai porque com digamos assim agente se acomodou do jeito que agente ta e pra gente ta bom, eu acho que agente devia buscar mais as coisas que agente tem direitos, como agente tem deveres agente também tem direitos de várias coisas que na escola não tem ainda.

Aluno2 – é agente é muito cobrado, né e não tem muito resultado.

Professor – e o você? que você pensa nisso? uma matéria, uma coisa que você acha que a escola poderia oferecer e não oferece.

Aluno4 – ah as aulas de laboratório, pra mim laboratório é uma coisa fascinante, agora aqui não tem muita coisa assim pra você fazer.

Pergunta – mais laboratório de que?

Aluno4 – tem de química, que simplesmente olhar num microscópio agente não pode fazer isso, eu acho que seria fascinante pode fazer essas coisas, tipo mexe com fórmulas assim na prática é muito interessante do que, tá certo que agente tem que aprender a teoria, mais a teoria você tem que fazer na prática.

Aluno2 – e agente acaba aprendendo mais na prática do que na teoria.

3ª Pergunta – o que é ser trabalhador pra você? Que você pensa que é a pessoa trabalhar? o que é trabalho?

Aluno1 – ah eu acho que assim como eu ajudo meus pais no negócio deles eu acho assim eu exijo chegar no horário e assim eu acho que a pessoa tem que render alguma coisa porque é com aquilo que ela tá fazendo que ela vai conseguir o salário dela porque se não tiver produtividade o que, que acontece não tem, aí a economia o dinheiro não vai entrar não vai gerar não sei o que e também se tá vendo que tem alguma coisa errada é procurar os seus direitos porque não é só trabalha, trabalha, trabalha o trabalhador tem os seus direitos como também tem os seus deveres então é tipo ele tem que produzir mas também não tem que se escravo digamos assim se passou do horário tem que receber hora extra, se chegou tarde se chegou atrasado tem que descontar o atraso dele e não fica com a venda nos olhos, eu acho que é isso.

Aluno2 – é fazer pra receber né, fazer o seu dever e receber no final em troca o que ele fez por merecer, e também sempre procurar evoluir não só ficar naquele cargo que ele tá, tenta também sempre ir mais além se superar, acho que é isso também.

Aluno3 – Além de tudo eu acho que trabalho é uma questão de sobrevivência né, porque hoje o mundo é movido a dinheiro, tudo o que você vai fazer você precisa ter dinheiro né, não é questão de luxúria, riqueza, é uma questão de sobrevivência mesmo, tudo que agente vai fazer precisa ter um dinheiro pra fazer alguma coisa então acho que agente tem que tá sempre buscando crescer, fazer as coisas corretamente, tá procurando se especializar, pelo menos naquela área que você tá

trabalhando no momento, é trazer melhorias pra empresa, se você não for patrão no caso se você tiver trabalhando pra empresa, faz a diferença na empresa, é cumprir horário, regras, porque como na escola no serviço também tem regras, uso de celular eu acho muito errado no serviço, tira totalmente a concentração, conversas paralelas né, vamo supor tem uma venda aqui ai a pessoa se tem que vender pra aquela pessoa, você tem que vender 1000 ai tem uma outra pessoa te incomodando falando, falando ai você vai ficar desatento se não vai conseguir se concentrar, porque tem pessoas que precisam, não é nem questão de ai “eu quero trabalhar porque eu não quero fica sem fazer nada” é questão de precisar mesmo então acho que é isso.

Professor – e você (nome omitido)? Que que é ser trabalhador pra você?

Aluno4 – ah pra mim eu tenho todas as maneiras de vê um trabalhador, tem aquela pessoa que trabalha por necessidade e tem aquela que gosta do trabalho e faz porque quer fazer alguma coisa na vida e quer ter algum sentido assim pra viver, então pra mim aquele que tem necessidade também deveria gostar do trabalho, então não vê por necessidade porque hoje a maioria, tipo agora no shopping só começo a trabalhar mais por necessidade, ai eu quero comprar as minhas coisas, ai começa a trabalhar por isso.

Aluno – buscar independência também.

Aluno4 - É.

Aluno1 – mas eu acho assim que também você for fazer alguma coisa faça se possível assim tipo uma faculdade assim eu tenho uma amiga minha que ela ta fazendo faculdade de direito porque o pai dela que que ela faça faculdade de direito então acho assim não adianta nada você se formar naquilo que você não gosta se tem que procurar se especializar, fazer alguma coisa que você goste que você tenha paixão pela aquilo que você ta fazendo, porque se você for e fizer algo que você não gosta que profissional você vai ser.

Pergunta – como que a sua família interfere na sua identidade trabalhadora? Por exemplo se a sua família pede pra você trabalhar ou não? Ela te incentiva ou ela fala outra coisa pra você? Então o que a família faz pra que você seja ou não trabalhador?

Aluno1 – bom minha mãe ela incentiva ela fala tem que procurar um emprego pra eu te meu dinheiro, porque lá em casa minha mãe não vai conseguir me sustentar pra sempre, ela fala que já tem que começar agora pra uma experiência e também pra não interferir nos meus estudos, que trabalha tem que estudar também ela fala que não adianta nada você trabalhar e não tem um cargo,

uma profissão um diploma, isso que ela fala, se quiser trabalhar trabalha, mas tem que estudar de qualquer jeito.

Aluno2 – na minha família eu to vendo com a minha tia ela né, ela preferiu agora primeiro me colocar em cursos assim porque eu falei assim se eu trabalhar eu acho que vai me prejudicar na escola porque o trabalho cansa e 2 períodos assim, então 1º ela me colocou em cursos profissionalizantes pra pode melhorar alguma coisa, então isso não tá atrapalhando então pra mim eu acho bom 1º fazer os cursos ai depois começar a trabalhar porque eu ainda não to sentindo necessidade de ter um emprego e ela falo que não precisa por enquanto, então to mais estudando assim pra poder melhorar no futuro.

Aluno3 – é assim meus pais dizem que eu não preciso trabalha tal, mas eu acho necessário assim eu gosto, eu ajudo eles, é uma forma de ajudar eles, é e também eu te o meu dinheiro, tipo meio que te a minha independência assim sabe, e eu acho que se você conseguir conciliar estudo com trabalho vai fica tudo mais fácil, uma que você vai ta estudando pra se formar, te alguma coisa pro futuro, melhora a sua vida, e outro trabalho já melhora pra você ir conhecendo o mundo melhor e te digamos a sua independência assim já, eu acho muito importante o jovem trabalha já, desde já pra ir conhecendo mais o mundo lá fora.

Aluno4 – bom eu acho o seguinte: a minha família ela me apoia no meu trabalho, só que desde quando eu comecei a trabalhar, eles deixaram bem claro: seus estudos no 1º lugar depois o serviço, eu sempre quis trabalhar sempre, e nunca ninguém me pediu “você precisa trabalhar” sempre porque eu quis, eu não gosto de pedir dinheiro pros meus pais me sinto mal pedindo dinheiro entendeu, então eu prefiro te o meu pra garantir ali que eu tenha sempre e não que eu precise pedir, eu não gosto dessa dependência deles, mais eu gosto que eles me apoiem, só que querendo ou não eu tenho que admitir que o trabalho com os estudos me atrapalhou muito, muito mesmo. Assim é tem a questão de horários também eu estudava a noite e em um certo tempo trabalhando e querendo ou não a noite os professores são mais flexíveis, eles aceitam mais é você trazer um trabalho “ah posso te entregar amanhã porque hoje não deu tempo por motivos de ter que ficar ate mais tarde no serviço ou essa semana ta muito corrida e não tem como” eles são mais flexíveis, no horário da manhã não, eles não aceitam mesmo, eles não querem nem saber se você precisa se você não precisa, eles não tão nem ai mas questão do trabalho é isso.

Próxima pergunta – em qual trabalho você visualiza o seu futuro? Então é você consegue identificar no futuro, porque vocês tão se preparando? Então vocês conseguem ver assim é claro

que alguns claro já se preparam para concursos superiores, é outros ainda tão pensando e aí visualize esse trabalho no futuro e esse trabalho você se sentiria realizado e feliz?

Aluno1 – tipo eu já tenho em mente assim mais ou menos o que eu vou fazer desde pequenininha assim, eu sempre quis fazer faculdade de medicina e todo mundo fica falando assim pra mim ”ah você vai fazer faculdade de medicina então faz cirurgia plástica, faz psiquiatria” eu acho assim eu vou fazer faculdade de medicina porque eu sou apaixonada por essa área, e eu quero fazer alguma coisa assim que eu goste que eu me identifique, então desde de pequena meus pais sempre aguçaram assim essa é sua vontade mesmo é isso que você quer então tá vamos ajudar vamos correr atrás, e sempre que tinha alguma coisa envolvida com essa matéria com essa área exposição eles me levavam, não sei o que e eu acabei me apaixonando pela neuro, pela área de neurologia, então muita gente fala assim pra mim aí se vai fazer neurologia se só vai estudar não sei o que só vai estudar, e dinheiro que é bom não vai render, eu acho assim eu vou fazer uma coisa que eu goste e não importe assim o quanto eu vou ganhar, o que importa assim é que eu vou fazer algo com amor, e que mais pra frente eu vou ser uma boa profissional, não adianta nada eu falar ah vou fazer cirurgia plástica porque eu vou ganhar grana e que profissional que eu vou ser? Qual é a segurança que eu vou passar pros pacientes? Eu acho isso assim.

Aluno2 – exatamente, agente tem que pensar no que é melhor pra gente e no que agente vai gostar, não só no dinheiro, porque dinheiro em qualquer trabalho consegue dinheiro o problema é você gosta, por isso que eu não decidi ainda que área eu vou fazer porque eu vou fazer uma coisa que eu gosto, assim que sem você não gosta não adianta, não adianta trabalhar, não adianta fazer faculdade nenhum, porque não rende seu trabalho acho que é isso.

Aluno3 – bom minha família quer que eu faça direito mas tá aí uma coisa que eu acho que eu nunca faria que é direito, não é pra mim, agora o que eu penso muito é se uma veterinária faz uma medicina veterinária, e me especializar na área de porte grande. Eu acho que eu seria uma excelente profissional que eu já amo o que eu estava fazendo, apesar da minha família se contraria e fala não você não vai ganhar dinheiro com isso, eu já vi muita gente ganhando dinheiro com isso porque gosta do que faz, e também é psicologia eu acho muito interessante você entende a cabeça do ser humano, é uma coisa muito interessante mais é uma dúvida do que eu ainda quero fazer, mais eu acho muito interessante, e eu acho que eu seria uma ótima profissional se eu fizesse uma dessas duas áreas que eu gosto.

Aluno 4 – bem eu ainda não decidi o que eu quero se, mas eu quero alguma coisa que mexe com tecnologia, que eu gosto demais, e eu acho muito interessante porque é uma coisa que ta sempre mudando, ta sempre melhor, sempre buscando a solução pra vários problemas, então é uma coisa que evolui, ta sempre evoluindo então pra mim seria um bom trabalho porque nunca eu ia fica na mesma coisa, então alguma coisa que mexe com tecnologia.

Pergunta – e você vê esse trabalho como, você trabalhando na produção de programas, na produção da maquina? Que, que te atrai mais?

Aluno 4 – o software, o software é o melhor pra mim, a parte de programação, porque assim desmonta, monta coisa eu não gosto muito não agora eu gosto mesmo é de mexer tudo virtualmente.

Pergunta – então é uma coisa que pra mim ainda não ficou clara é pra vocês se sentirem realizados e felizes no trabalho o trabalho tem que ter o que?

Aluno1 – prazer.

Pergunta – então o que um trabalho precisa pra te prazer?

Aluno2 – eu acho que você tem que gosta daquilo que você vai faze, o mais importante é isso se você vai faze o que você gosta você vai se um bom profissional e o que você tiver fazer você vai te que fala assim “ai que saco faze isso” se você vai faze algo que você goste que você se sinta vontade se identifique com aquilo é você vai se prazeroso o resto da sua vida.

Aluno3 – não importando o dinheiro que dá e sempre fazendo aquilo que você gosta e que tem que faze, é acho que o mais importante é isso, pra se realizado fazendo isso.

Aluno2 – é o dinheiro vem com o tempo, se não vai entra já no mercado de trabalho ganhando 30, 15 mil reais, se tem que se especializar naquilo pra você ir conquistando bens financeiros, essas coisas assim.

Aluno4 – eu acho que tem que gosta do que faz bom, mas pra mim o bom é mesmo ta evoluindo eu não gosto muito de rotina então pra mim ia se bom sempre te coisa nova, sempre te um desafio pra faze e tal, assim por isso que essa área de tecnologia ta sempre mudando, é isso e como eu vo gosta evolui também ia se muito bom, vai faze eu gosta ainda mais.

Aluno1 – eu acho o seguinte, querendo ou não o trabalho não é de graça né você quer te resultado, então se você vai fazer aquilo que você gosta aí eu amo fazer isso muito só que não tá tendo resultado, querendo ou não você vai ficar disperso com aquilo, você vai começar a achar ruim o que você faz, então eu acho que o prazer envolve o dinheiro também no trabalho porque sem o dinheiro você trabalhando fazendo aquilo que você gosta, por mais que de primeiro assim obviamente não vai ter resultado né se vai tá sempre evoluindo, buscando muito, procurando, correndo atrás e vai ter retorno claro, mas não como você espera de cara eu acho que o resultado vem algum tempo depois que você se especializa mais, só que se depois de algum tempo esse resultado não tiver o trabalho já vai deixar de ser um prazer pra você, eu acho talvez, querendo ou não o dinheiro envolve, tem que fazer o que gosta mais tem que ter resultado também né porque se não não adianta.

Aluno2 – hoje em dia você não escuta mais tipo criança dizendo assim ah vou ser a mesma coisa que a minha mãe, é tem a menina que trabalha lá em casa que ela tem uma filha e ela tem 4 anos, aí você tipo pergunta pra ela assim “que, que você vai querer ser quando você crescer?” aí a minha irmã pergunto pra ela assim “se vai querer ser que nem sua mãe, cuida do lar não sei o que “ aí ela disse” não que eu vou querer ser que nem a sua mãe” a minha mãe ela mexe com empresas essas coisas desse tipo. A criança hoje em dia ela já vai com assim digamos com um pensamento muito capitalista, eu já vou querer fazer algo que vai me render, que vai querer me dar dinheiro. Eu acho que o dinheiro conta bastante, mas questão assim eu própria eu acho que o que me atrai é aquilo o que eu gosto, assim que o dinheiro vem com o tempo e não, o dinheiro importa bastante mas o prazer de você fazer aquilo que você gosta te deixa mais feliz com aquilo.

Professor- então vou agora deixar esse tempo final se alguém quiser dizer mais alguma coisa, que pensa sobre o trabalho, sobre o estudo, em relação disso fica aberto agora.

Aluno - Foi tudo.

Entrevistador - Foi tudo então vamos encerrar.